Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação

Camila Rodrigues Cruz

PENSANDO CAMINHOS PARA O TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

São Gonçalo
2015

Camila Rodrigues Cruz

PENSANDO CAMINHOS PARA O TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção do Grau em Pedagogia.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Mairce da Silva Araújo

São Gonçalo

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

C955 Cruz, Camila Rodrigues.

Pensando caminhos para o trabalho com a leitura e a escrita na Educação Infantil / Camila Rodrigues Cruz - 2014.

59f.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Mairce da Silva Araújo

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1.Educação de crianças. 2. Alfabetização. I. Araújo, Mairce da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. III. Título

CDU 37-053.4

Camila Rodrigues Cruz

PENSANDO CAMINHOS PARA O TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

.

Aprovada em:. ___/___/___

Banca examinadora:

_____

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Mairce da Silva Araújo (Orientadora) - UERJ

_____

Prof.ª Dr.ª Jacqueline de Fátima dos Santos Morais - UERJ

São Gonçalo

2015

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus primeiramente, essencial na minha caminhada, à minha família, em especial aos meus pais, irmãos e aos meus avôs já falecidos Jorge Duarte da Cruz e Wilson da Cruz Ferreira pelo carinho, dedicação e preocupação que mantiveram comigo durante todos os momentos que estiveram junto a mim. Aos amigos e demais familiares que se fizeram presentes nessa etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer mais essa jornada.

À toda a minha família, em especial, aos meus pais e irmãos que são a minha base.

À Carlos José de Oliveira Morais pelo carinho, pelo apoio e preocupação.

À minha orientadora Profª. Drª Mairce Araújo, pela paciência, incentivo, por acreditar no meu trabalho e pela disposição em me ajudar quando foi preciso.

Aos queridos alunos da escola Centro Educacional Aragão Santos, que foram sujeitos fundamentais na realização e reflexão de minha prática e à toda equipe do mesmo que oportunizou-me inúmeras aprendizagens e a experiência docente .

Aos alunos e toda a equipe pedagógica da Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, pela forma como me receberam, pelas aprendizagens que me proporcionaram, pelo carinho e cuidado que mantiveram comigo durante todo o estágio e pela disposição que demonstraram em me ajudar durante as reflexões e sobre as observações que nesta instituição desenvolvia.

À todos que de alguma forma estiveram presente durante essa etapa da minha vida, os meus agradecimentos!

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à todos outros.

(Paulo Freire)

CRUZ, Camila Rodrigues. **Pensando Caminhos para o Trabalho com Leitura e a Escrita na Educação Infantil.**Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo pensar um trabalho alfabetizador na Educação Infantil, considerando as especificidades e peculiaridades das crianças na faixa etária de 3 a 5 anos, que frequentam esta etapa da escolaridade. O rompimento com uma perspectiva mecanicista e reducionista de alfabetização,reduzida ao domínio do código,articulada às concepções tradicionais se constituiu como um referencial para a pesquisa e guiou a reflexão sobre prática docente, metodologias e objetivos. A reflexão sobre o trabalho com diferentes linguagens foi outro aspecto contemplado na investigação.Paulo Freire e Emilia Ferreiro no campo da alfabetização e Sarmento e Corsaro na discussão sobre infâncias foram os principais autores com os quais dialoguei. Como material empírico da pesquisa foram trazidas experiências vividas no estágio curricular do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Formação de Professores, realizado na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, no município de Niterói, do Estado do Rio de Janeiro. Tais experiências em diálogo com outras experiências vivenciadas em minha sala de aula contribuíram para a contextualização do tema em estudo, que se configura como uma pesquisa de caráter qualitativo.Nas conclusões finais da monografia defendo que a inserção da alfabetização nas classes de educação infantil, pode contribuir para promover o desenvolvimento de sujeitos que busquem cada vez mais cedo a sua cidadania, conheça seus direitos e deveres e que não se veja perdido em meio a uma sociedade que o exclui muitas vezes, que não o valoriza e nem considera a cultura na qual está inserido.

Palavras-chave: Infâncias; Educação Infantil; Alfabetização; Ambiente alfabetizador.

ABSTRACT

This monograph aims to reflect one literacy work in kindergarten, considering the specifics and peculiarities of children aged 3-5 years attending this stage of schooling. The break with a mechanistic and reductionist perspective of literacy, reduced to the code domain, linked to traditional conceptions constituted as a reference for research and guided reflection on teaching practice, methodologies and objectives. Reflection on working with different languages was another aspect considered in the investigation. Paulo Freire and Emilia Ferreiro in the field of literacy and Sarmento and Corsaro in the discussion of childhood were the main authors with whom dialoguei. As empirical material were brought experiences in curriculum stage of the Pedagogy Program, the Teacher Training College, held in the Municipal Child Education Unit Rosalina de Araújo Costa, in Niterói, State of Rio de Janeiro. Such experiences in dialogue with other life experiences in my classroom contributed to the contextualization of the study, which is configured as a qualitative research. In the final conclusions of the advocate monograph that incorporate literacy in early childhood classes, can help to promote the development of individuals who seek increasingly early their citizenship, know their rights and duties and that they see lost amid a society which excludes often than the values and does not consider the culture in which it is inserted.

Keywords: childhoods; Early Childhood Education; literacy; Literacy environment.

SUMÁRIO

1 – Introdução 10

2 - Como cheguei até aqui.....14

3 - Construindo um objeto de pesquisa.....18

4 – Infância ou infâncias? Quem são as crianças pequenas que estão na educação infantil?.....21

5- Alfabetizar ou não na educação infantil?.....24

6 - Alfabetização e letramento na educação infantil: algumas reflexões.....33

7 - Pensando caminhos para o trabalho com a leitura e a escrita na educação infantil a partir da pesquisa.....37

8 – Algumas conclusões provisórias.....53

9 - Referências bibliográficas.....57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração I: Alfabeto de A à Z com os nomes das crianças e produzidos pelas mesmas.....38

Ilustração II: Gráfico dos nomes redigidos pelas crianças..... .39

Ilustração III: Gráfico dos nomes identificando as crianças que possuem nome simples e nome composto..... 39

Ilustração IV: Quadro de horários representando a rotina da semana.....40

Ilustração V: O boneco Cirilo da Silva Conceição confeccionado pela turma e a sua identidade.....40

Ilustração VI: Pintura referente à música: Aquarela de Vinícius de Moraes.....42

Ilustração VII: A versão final do texto produzido oralmente pelas crianças e redigido no quadro negro pela professora.....43

Ilustração VIII: O desenho e a história: As crianças perdidas, produzida pela Aila.....45

Ilustração IX: Apresentação da "Companhia Histórias para Boi dormir" com as atrizes Viviane Netto e Laura Telles.....46

Ilustração X: A produção das crianças referente à história: As meninas perdidas, da Hortência.....47

Ilustração XI: O bornal de leitura.....48

Ilustração XII: Algumas histórias disponíveis para o trabalho com o bornal de leitura.....49

1- INTRODUÇÃO:

Inicio o meu texto destacando a importância de compreendermos as infâncias no sentido plural e em suas diferenças, como também as implicações de tal compreensão para o processo de ensino aprendizagem das crianças pequenas. Quando me refiro as diferentes infâncias tenho como objetivo desenvolver um olhar flexível e sensível sobre a realidade na qual cada criança está inserida. Sabemos que o espaço social, assim como as relações sociais que neste são estabelecidas são fatores fundamentais na formação de um sujeito, no seu olhar sobre mundo, na sua forma de pensá-lo e na construção de sua identidade. Penso, portanto, que não seria justo deixar de lado as experiências e vivências de nossas crianças. Caminhar por essa perspectiva é estabelecer relações antidialógicas. E a meu ver, aquilo que não se constrói no diálogo, no debate, não foi construído, foi imposto. O que é imposto não é interessante, não é prazeroso, pois não reflete a realidade que nossas crianças vivem, não faz sentido, ou melhor, não há sentido.

Precisamos pensar a Educação Infantil como um ambiente lúdico e formador de sujeitos ativos, compreender as concepções de alfabetização e letramento e as suas contribuições para o campo da educação e na formação dos professores. O meu objetivo com esse trabalho é refletir sobre a etapa da educação infantil, suas especificidades, objetivos, metodologia, práticas de trabalho organizadas pelos professores, a formação desses profissionais, o que pensam sobre a educação de crianças com essa faixa etária e a possibilidade de realização de um trabalho com a alfabetização nesse segmento. Para isso iremos caminhar por alguns aspectos importantes na compreensão e consolidação de uma educação infantil alfabetizadora. Tais aspectos serão abordados de forma ampla, propiciando a reflexão, ampliando os diferentes olhares e permitindo um pensar crítico sobre a educação das infâncias.

A escolha do tema de estudo para realização desse trabalho surgiu a partir das experiências e indagações vividas por mim durante minha carreira profissional, nas práticas de ensino que vinha exercendo na escola pela qual trabalhava, a forma como vinha concebendo a educação, o ensino, a aprendizagem e os educandos. Questionava-me constantemente sobre minhas práticas em sala de aula, sobre a metodologia adotada pela escola, baseada numa concepção tradicional, as exigências de determinadas habilidades de leitura e escrita, a forma como consolidavam o trabalho na educação infantil, como pensavam

a educação das infâncias, os instrumentos de avaliação e de ensino adotados e as relações que vinham sendo estabelecidas, nesse contexto, entre educadora e as crianças.

Em meio a essa realidade me vi insatisfeita com o trabalho que vinha sendo "indiretamente" forçada a realizar com as crianças e com o processo de ensino aprendizagem. Discordava das inúmeras atividades mecânicas impostas, da adoção de materiais didáticos que pouco contribuía para a construção do conhecimento com as crianças, da exigência do mesmo como aspecto essencial no processo de ensino aprendizagem e sobre as limitações que trazia. Foi a partir dessa insatisfação tanto pessoal quanto profissional que me vi imersa a uma busca por mudar essa realidade em mim como professora e educadora das infâncias. A minha intenção pautava-se na exploração desse ambiente da educação infantil, as suas peculiaridades, sua organização e estruturação, a busca pela compreensão do mundo das crianças, das suas infâncias, do que pensam sobre o "ensinar" e o "aprender", o que esperam da escola, o desejo de realizar um trabalho de alfabetização nessa etapa buscando, portanto, o desenvolvimento de práticas mais lúdicas, prazerosas e completa nas suas múltiplas linguagens.

Seguindo essa lógica, o primeiro capítulo irá discutir sobre as infâncias vistas nas suas multiplicidades e diversidade. Esse capítulo irá abordar as diferentes infâncias vividas por crianças com mesma faixa-etária, pontuando e valorizando os espaços sociais de origem, a cultura na qual estão inseridas, as suas formas de ver a vida, a escola, as pessoas e a sociedade. Durante esse debate, será destacado a forma como as diferentes infâncias vividas pelas crianças produzem marcas identitárias e constroem sentidos para elas. A importância da professora como mediadora no processo de ensino aprendizagem e a concepção de infância e criança que inspira essa mediação também é destaque dessa seção. O objetivo desse capítulo é refletir sobre a importância da compreensão da pluralidade da infância para o processo de ensino aprendizagem. Sabemos que provenientes de culturas e espaços diversos tornam-se diversas também as crianças, a forma como concebem a construção do conhecimento, o que faz sentido ou não para as mesmas, o que pensam da instituição escola, se veem a sua necessidade e importância ou não.

Como pontuei mais acima, um dos meus objetivos ao pensar a etapa da educação infantil é um pensar crítico sobre a educação dessas crianças. Minha intenção esta pautada no desejo de realizar um trabalho de alfabetização neste segmento, de forma que amplie as formas de expressão das crianças sobre uma leitura e escrita do mundo, não apenas de códigos,que lhes fizesse sentido, que dialogasse com a suas vivências e que se paute num

processo de construção do conhecimento prazerosa, imaginativa e instigante. Diante dessa realidade discuto no segundo capítulo a possibilidade efetiva de um trabalho alfabetizador na educação infantil. Para isso caminhei por algumas discussões teóricas que questionavam a alfabetização *stricto sensu*nesse momento de escolaridade. Assim, busquei alguns autores que tem contribuído com a discussão da alfabetização tais como Paulo Freire e Emilia Ferreiro. O conceito de letramento, a partir da contribuição de Magda Soares, que colocou como pauta a idéia de "nova alfabetização", também foi abordado em busca de responder ao meu maior questionamento: alfabetizar ou não na educação infantil?

Esse questionamento foi o eixo central do meu tema de estudo e caminhou comigo em todos os capítulos. A todo o momento questionava-me sobre a necessidade de realizar ou não essa alfabetização na educação infantil, questionava-me ainda sobre que tipo de alfabetização, baseado em que concepção, em quais referenciais teóricos e como conseguir dialogar a teoria com a minha prática e mais as vivências das crianças. Essa problemática veio sendo debatida durante todo o trabalho, na medida em que busquei por diferentes caminhos, a compreensão dos fatores que integram esse processo e o consolidam.

Sintetizando os caminhos percorridos nesse trabalho aponto: um memorial de minhas experiências pessoais e profissionais; a discussão sobre concepção de criança e de infâncias; uma reflexão sobre a educação infantil como etapa da escolaridade; a legislação pela qual esta amparada; os profissionais educacionais (sendo estes, professores, gestores, coordenadores, supervisores, etc);o trabalho com alfabetização na educação infantil; o surgimento do conceito de letramento e suas implicações na educação infantil; o questionamento sobre alfabetizar ou não nessa etapa; como alfabetizar na educação infantil, o que levar em conta, que metodologia adotar?

Apesar de parecer diversas as questões, penso que ainda são poucas quando resolvemos pensar a educação e formação de crianças pequenas. Parafraseando uma afirmação da professora Maria Tereza Goudard Tavares, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, quanto menor for as nossas crianças mais precisaremos estudar para compreendê-las e maior deve ser a nossa atenção e reflexão quando buscamos a consolidação de uma educação para as mesmas.

Nesse viés busquei compreender primeiramente a pequena infância, as crianças e suas especificidades para somente depois pensar um trabalho educacional com as mesmas. Sabemos que refletir sobre o ser humano, independente de sua faixa etária, requer uma sensibilidade sobre as suas vivências, a relação que estabelece com o meio, como vive, onde

vive, os seus valores e a cultura pela qual esta inserido. O mesmo também ocorre quando pensamos o segmento da educação infantil que vista no seu sentido amplo, se consolida como uma etapa complexa e em constante transformação. Dessa forma a busca pela compreensão dos sujeitos e de uma educação voltada para os mesmos, estará sempre inacabada, sempre terá algo a acrescentar, a refletir, a pensar sobre já que muda a todo o momento.

Quando pensei, portanto, a inserção de um trabalho alfabetizador na etapa da educação infantil, considerei os aspectos já abordados, valorizando as potencialidades dos sujeitos, as suas experiências e tendo flexibilidade frente as situações pelas quais deparava-me. Indaguei-me a todo o instante sobre como desenvolver um trabalho de alfabetização nesse segmento, como tornar prazeroso, lúdico e significativo o acesso das crianças à cultura escrita. Com a problematização desse tema, pude refletir sobre as diferentes formas de conceber e consolidar a alfabetização, as diferentes formas de alfabetizar ou ainda permiti-la que aconteça, a importância das diferentes linguagens nesse processo e as expressões espontâneas das crianças.

O terceiro capítulo e o último irá por meio de um relato empírico trazer as diferentes formas de se trabalhar a alfabetização na educação infantil, de tal maneira que propicie a construção do conhecimento pelas crianças, que estas sintam-se à vontade para se expressarem e através das diferentes linguagens. O material empírico contido nesse capítulo foi obtido durante o meu estágio na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, no município de Niterói, do estado do Rio de Janeiro. Durante o estágio, pude vivenciar experiências incríveis na educação infantil. Refleti sobre a minha posição como professora, as metodologias presentes no cotidiano escolar, consegui perceber a alfabetização com um novo olhar, atrelada ao sentido, a imaginação, ao prazer, as múltiplas linguagens e sobre os diferentes saberes. Ali as crianças são, de fato, crianças e entram em contato com o conhecimento de forma direta, através da brincadeira, do faz de conta, da curiosidade e da imaginação.

2 - COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Refletir sobre os caminhos até aqui percorridos ajuda-me a compreender melhor o ser humano que vou me constituindo e as escolhas que venho adotando ao longo do tempo. Quando deparamo-nos com situações que exigem de nós a elaboração de uma autobiografia e relembramos de experiências que por algum momento pareciam esquecidas em nossa memória. Estas certamente foram constitutivas na formação de minhas identidades de professora, estudante, mulher, amiga, namorada, dentre tantas outras, assim como contribuíram para a escolha dos mais diversos caminhos seguidos. Não é uma tarefa fácil compreender-se em meio a um espaço social que se transforma constantemente. O essencial é perceber-se como um ser em construção e transformação. Dessa forma fica mais claro compreender que as experiências passadas e futuras são resultado das ações e pensamentos que vamos estabelecendo através das relações sociais e com meio num determinado momento.

Quando me deparei com a necessidade de escrita de um trabalho final de curso, me vi em meio a uma confusão de memórias e experiências. Não queria de fato *escrever por escrever,* buscava verdadeiramente uma escrita que me ajudasse a compreender-me em meio a tudo o que vinha vivendo ou por algum momento vivi.

Desde pequena, uma das minhas brincadeiras prediletas era brincar de escolinha e ser professora. Sabemos que muitas meninas em suas variadas infâncias se viram pelo menos uma vez brincando da profissão professora. Digo meninas devido a presença majoritariamente feminina da profissão nas instituições escolares, principalmente nas classes de Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Durante a minha infância tive o contato com pessoas que exerciam o magistério:o meu avô Jorge e minha tia Nelma. Creio que de certa forma essa vivência influenciou minha escolha profissional. Quero ressaltar que em nenhum momento determinadas influências familiares foram impostas. Como marquei acima as mesmas se apresentaram através do convívio social e do diálogo.

Aos 16 anos de idade, iniciei-me de maneira informal na profissão docente. Fui convidada a auxiliar no processo de alfabetização de dois meninos com faixa etária de 6 anos de idade, o Otávio e o Gustavo. Logo no ano seguinte, já com 17 anos, por intermédio do meu avô Jorge,recebi uma proposta para trabalhar como auxiliar de turma de educação infantil em uma escola privada particular, na qual continuo trabalhando até o presente momento e com o mesmo segmento de ensino. Tal fato marcou o início de uma carreira sobre a qual nem tinha tanta clareza, assim como contribuiu para a escolha do meu tema monográfico.

Antes de abordamos o assunto a ser desenvolvido no trabalho final de curso, acho importante rememorar algumas experiências por mim vividas, que acredito tenham contribuído com a reflexão e a consolidação do mesmo.

Nasci no dia 12 de dezembro do ano de 1991, na cidade de Niterói, no bairro de São Francisco. Recebi o nome de Camila, escolhido devido ao gosto dos meus pais pela música: Camila, do grupo Nenhum de Nós. Uma música da juventude que teve grande repercussão na época, possivelmente, mais em função da melodia do que de sua letra, ilustra as expectativas provocadas pelo meu nascimento, talvez por ser a primeira filha. E que, segundo os meus pais,só aumentaram quando me tiveram em seus braços.

Durante esse período, meus pais passavam por dificuldades financeiras, porém nunca me deixaram faltar nada. Meus avós, como sempre muito preocupados, ajudaram no que foi preciso. Sempre amorosos cuidadosos e atenciosos meus pais me criaram com o que existe de mais essencial na criação de um filho: amor, paciência e perseverança. Meu pai trabalhava como vendedor e minha mãe, devido a minha vinda, abandonou o trabalho para cuidar de mim.

Aos 2 anos de idade, iniciei minha vida escolar em uma escola pequena chamada Pedacinho do Céu, que ainda existe até hoje. Durante meus 3 e 4 anos estudei em duas escolas chamadas respectivamente São Mateus (SM)e Centro Educacional Azevedo Lima (CEAL). Aos 5 anos fui para a escola na qual estudei até o fim do colegial: Colégio Paraíso.

Recordo-me do dia em que entrei pela primeira vez nesta escola e soube que ia lá estudar. No primeiro momento já tinha me apaixonado pela sala do Jardim III, hoje chamamos de Pré II, e pela professora. Ao começar a frequentar a escola e conhecê-la melhor não queria deixar um dia sequer de ir, dizia minha mãe. A professora era muito paciente, compreensiva e carinhosa. Amava o que fazia!

Desde a educação infantil ao ensino médio vivenciei encontros com profissionais maravilhosos e uns nem tão bons assim. Tive professores dedicados, criativos que a todo o momento buscavam inovar a sua prática e a sua relação com as crianças. Estes guardo na minha memória até hoje e muitas de suas práticas trago comigo, refletidas nas práticas que exerço atualmente.

Retomando a minha trajetória, lembro que aos 17 anos de idade, ainda cursando o terceiro ano do ensino médio, recebi uma proposta para trabalhar como auxiliar de professora de educação infantil em uma escola perto da minha casa. Minha reação foi de felicidade, pois amava criança e buscava um emprego. Não tive outra escolha a não ser aceitar. No início

passei por algumas provações, pois meu pai não concordava com a idéia de trabalhar e ainda estudar no colegial. Dizia que ainda não era o momento e que deveria esperar. Mas como sempre teimosa, insisti o possível até que o mesmo sem concordar deixou que eu fizesse o que naquele momento eu achava o ideal. Porém tinha me delegado um combinado: se minhas notas na escola caíssem eu sairia do trabalho. O combinado foi feito e foi cumprido. Deu tudo certo e trabalho no mesmo estabelecimento até hoje.

A partir daí, tudo mudou. Passei a ver o mundo e as coisas do mundo com mais responsabilidade, apesar de já ser uma menina responsável. O trabalho me fez olhar para vida com mais criticidade e me fez refletir sobre aspectos diversos de minhas vivências, atitudes e pensamentos. A relação com as crianças e com o seu mundo me encantou num primeiro momento. Ali percebi o que queria, percebi em que área queria atuar. Era época de vestibular e ao iniciar o trabalho com a educação de crianças fui motivada a escolher a graduação que hoje curso, Pedagogia.

Trabalhei três anos seguidos como auxiliar de professora de educação infantil. No terceiro ano a coordenação pediu que eu fizesse o curso de Formação de Professores no Centro Educacional de Niterói, pois não tinha a formação de magistério a nível médio e o intuito era a possibilidade de assumir uma turma como professora regente no ano seguinte. Já no quarto ano consecutivo, como combinado, assumi uma turma, já que agora estava apta para o exercício da função.

Como professora regente do Maternal II (antigo Jardim I), percebi que o ato de lecionar ia muito além do simples "dar" atividades. As crianças que ali se encontravam eram curiosas e tinham uma vontade aguçada para aprender. Ao longo da minha prática docente pude perceber que falar *para* as elas e não *com* elas, sem deixar que se expressassem mais livremente e sem a troca dei idéias com as mesmas, acabava por constituir um espaço pobre para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento de suas potencialidades. O processo de ensino aprendizagem acontecia de forma significativa quando, de fato,existia a troca de saberes e experiências. Pude perceber que apesar da pouca faixa etária as crianças já possuem vivências de mundo incríveis e estas precisam ser aproveitadas no decorrer desse processo.

A escola em si pautava-se numa metodologia conteudista. O aprendizado era baseado majoritariamente no livro didático, pouco se ia além do mesmo. Isso me incomodava, pois percebia que o processo de ensino aprendizagem se reduzia a meras práticas de exposição e repetição. O assunto a ser trabalhado era exposto de forma basicamente

expositiva e a apreensão do mesmo se dava através de atividades de repetição. Um exemplo seria a apresentação de uma nova letrinha, a mesma apresentada de forma descontextualizada era exposta em cartazes na sala e a criança pouco entendia que sinal era aquele e para que servia. Com o trabalho de repetição, a criança memorizava o nome da letra e a sua representação, mas não compreendia o porquê da sua existência e a função social que qualquer uma dessas tinha na sua vida. Tal questionamento foi o ponto norteador que escolhi para me aprofundar no trabalho final de curso da graduação.

Indago-me sobre as atitudes que tive, que tenho no presente e que quero ter futuramente. Trabalhar com a formação humana a meu ver requer um alto nível de flexibilidade, compreensão e reflexão sobre si, sobre o outro e o meio. A reflexão é uma prática que tento manter constante nos meus dias. Refletir é pensar sempre mais sobre algo, é colocar-se muitas vezes no lugar do próximo, é perceber o diverso e aprender agir de diferentes formas buscando a melhoria. Dessa forma tento guiar-me sobre os caminhos que percorro e as escolhas que faço.

O tema da minha monografia, portanto, surgiu das indagações que venho elaborando em meu percurso profissional.

3 - CONSTRUINDO UM OBJETO DE PESQUISA

Como afirmei anteriormente, tendo o livro didático como a referência curricular do trabaho pedagógico, a escola na qual trabalho caracteriza-se por uma perspectiva conteúdista, pautando-se na realização de atividades padronizadas. No maternal II, além do livro didático (o principal material exigido no trabalho com as crianças), também são utilizadas folhas soltas com o intuito de trabalhar conceitos e questões que não são encontrados no material adotado. Na Pré-Escola I, além dos materiais já citados anteriormente, é exigido um caderno de aula pequeno que tem como o objetivo, segundo a escola, *fixar e amarrar os* conhecimentos trabalhados ao longo do ano.

Percebo que a exigência de tais materiais como eixos norteadores para a contrução do conhecimento da criança cria restrições para nós professores na realização de um trabalho mais dinâmico, mais prazeroso e significativo. O nosso trabalho se limita a mera reprodução daquilo que contém os materiais adotados. Mesmo que busquemos a inovação e a ruptura sobre essa forma de trabalho, vemos que o ritmo exigido durante o ano letivo não pode parar, dificultando portanto a realização desses objetivos. Para as crianças, geralmente, o contato com os assuntos trabalhados são feitos de forma não significativa e repetitiva para as crianças. E essa problemática vem me incomodando ao longo da minha prática.

O contato com um processo de ensino aprendizagem insuficiente e limitado têm me feito indagar se realmente essa prática conteúdista é a única forma de se trabalhar, se o contato com os diversos assuntos precisa ser pautado por um material didático único. Vale ressaltar ainda que a escola, apesar de se colocar frente a uma metodologia conteúdista ela não proíbe a realização de atividades lúdicas e dinâmicas, mas indiretamente contribui para dificultar a realização destes tipos de atividades, por enfatizar constantemente a necessidade de se utilizar o livro didático como recurso principal de seu eixo de ensino.

A experiência na instituição de ensino privada tem mostrado também que o trabalho pedagógico vai muito além do expediente acordado no contrato trabalhista. Exemplo disso, é a exigência de que a cada data comemorativa as crianças saiam da escola com alguma "lembrancinha". Esta, majoritariamente feita por nós professoras[1], e sem nenhum sentido para a criança que, na maioria das vezes, não sabe nem porque a recebeu, Exigências como essa, acarreta, evidentemente, uma sobrecarga de trabalho, que a meu ver, ainda por cima, é gasta

[1] Optamos por usar o feminino tendo em vista que o magistério da educação infantil, especialmente, é majoritariamente composto por mulheres.

em aspectos não determinantes para a qualidade do ensino. E a reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem? Este não recebe tempo nem espaço dentro da escola para ser repensado e colocado em questão. Dentro deste contexto, o que resulta é apenas a reprodução de práticas, exercícios previstos no livro didático.

A massificação de conteúdos e de metodologias contribui também para uma formação insuficiente nos mais diversos âmbitos. O contato com as letras, com as palavras, com a escrita por exemplo, muitas vezes no segmento da educação infantil é proposto de forma mecanicista e essa prática, sem dúvida, vai refletir em sérieis posteriores. Uma criança que tenha passado por um contato maior e melhor trabalhado com o mundo letrado, com a escrita, com a letras, as palavras, com recursos como jornais, revistas, historias (e que os mesmos estejam sendo trabalhados periodicamente com as crianças), desde os primeiros anos de vida, terá uma facilidade maior para compreender o processo de leitura e escrita.

Mas o que é a alfabetização, o que é alfabetizar? Penso que não se reduz apenas à aprendizagem de habilidades para o exercício da leitura e da escrita, como se fosse uma técnica a ser apreendida e posta em prática. Vai muito além da mera reprodução de codificar e decodificar códigos. Com os estudos de Paulo Freire (1996, 2003) , podemos perceber o quão complexo e importante tal processo se dá e que vê-lo apenas como uma tecnologia de transcrição de um código é anular todo potencial criativo e autêntico que cada criança possui. As crianças, durante essa etapa, precisam compreender o porquê do aprendizado da leitura e escrita, devem perceber a sua função social e o papel que exerce na sociedade.

Penso que a educação infantil, dentro deste contexto, tem que ser um espaço de saberes diversos e do encontro desses saberes por meio de atividades lúdicas e integradoras contribuindo para a criação e a permanência de um ambiente alfabetizador propulsor para a construção do conhecimento feito pelo aluno. O essencial é criar situações que as crianças possam sentir sua integração com o mundo da escrita.

Apesar de muitas das crianças de hoje em dia já chegarem à escola com saberes diversos, e já integrada ao processo de leitura e escrita, não podemos esquecer daquelas provenientes de classes populares. Estas, apesar de imersas em uma sociedade letrada, carecem de situações e materiais que lhe propiciem, de fato, uma relação significativa com o processo de leitura e escrita.Vale ressaltar que o contexto no qual estas crianças estão inseridas dificulta a sua compreensão sobre o tipo de leitura e escrita que vem sendo exigida segundo os padrões da sociedade. Certamente este não esteja sendo concebido da mesma forma pelas mesmas.O essencial é refletirmos primeiramente sobre a realidadeem que cada

uma dessas crianças está inserida. A partir dessa reflexão o segundo passo seria entender o que as mesmas pensam sobre o processo de leitura e escrita e dessa forma buscar estabelecer através do diálogo formas significativas entre o que pensam e o que de fato vem sendo exigido pela sociedade letrada.

Quando penso em ambiente alfabetizador, penso portanto em um espaço que agrupe a variedade de experiências culturais que as crianças trazem para a escola e dialogue com a mesma, estabelecendo sentidos, criando novas situações a partir de situações já vivenciadas pelas crianças no seu dia a dia. A apropriação da escrita pelas crianças vai caminhar e se estabilizar naturalmente se realizarmos essa ponte entre valores, entre vivências, entre culturas e com as crianças, pensando com as mesmas e valorizando a realidade por elas vividas.

Buscando aprodundar-me sobre as reflexões a respeito do trabalho com a leitura e a escrita na educação infantil deparei-me com a discussão sobre Alfabetização e Letramento na educação infantil. Percebi que é muito recorrente a confusão feita sobre a definição e apropriação de tais conceitos. Eu mesma, antes de me aprofundar no assunto, pensava de forma equivocada o papel e o funcionamento dos termos alfabetização e letramento. Ao longo de meu estudo, fui percebendo o quão complexo se torna entendê-los quando nos comprometermos com a realização de uma educação efetiva e com a formação de uma sociedade mais justa.

Pensar a alfabetização de uma criança com faixa-etária menor que seis anos de idade é acreditar primeiramente que esta é um ser capaz e com potencial para construir o seu próprio conhecimento. Querer a sua alfabetização, portanto, é a meu ver acreditar que desde cedo as crianças precisam ter a sua liberdade de escolha, a sua livre auto expressão sobre o que vivem e presenciam, seja pelo o que querem ou não aprender, pelo que fazem ou não sentido para ela. Assim estarão desde cedo aprendendo a questionar, a duvidar, a valorizar seus pontos de vista como válidos mesmo que não corretos perante a um determinado grupo social. De fato, alfabetizar vai muito além daquilo que andamos vendo, tanto na educação infantil, quanto nas classes de alfabetização.

4–INFÂNCIA OU INFÂNCIAS? QUEM SÃO AS CRIANÇAS PEQUENAS QUE ESTÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Antes de debruçar-me sobre a discussão téorico-prática que envolve os conceitos de alfabetização e letramento, entendo ser importante compreender primeiramente o campo da infância e aqueles que a constituem.

Quando pensamos em seres humanos ativos e autores de suas histórias nos comprometermos com um posicionamento que não apenas aceite o diverso, mas que o perceba como um produto cultural de sujeitos provenientes das mais diversas culturas. Assim também deve ser feito quando pensamos a infância e as crianças. Estas mesmo que pequenas constituem-se como sujeitos que participam da construção de suas próprias histórias e elaboram formas de ver o mundo dentro do contexto sócio-histórico em que vivem. A família, os amigos, aqueles que participam ou participaram diretamente ou indiretamente em algum momento de sua vida, assim como a realidade na qual está inserida contribuem diretamente na formação da criança. Sabendo que somos múltiplos e múltiplas são as realidades que vivemos seria um equívoco conceber a infância de uma única maneira.

Como educadores precisamos perceber que a pequena infância é uma produção cultural e é vivida nos mais diferentes espaços sociais e das mais variadas formas possíveis. A concepção de infância, portanto, não se restringirá a mesma para cada sujeito. Um exemplo que de fato explicita tal afirmação é a infância vivida por crianças das classes populares. Estas desde muito cedo precisam trabalhar para ajudar no sustento de casa, isso quando a mesma não é aquela que sustenta. A infância vivida por essas crianças pauta-se no trabalho diário e na construção de uma responsabilidade precoce. A mesma, ainda com pouca faixa de idade, já compreende a importância do fruto de seu trabalho em vista do sustento familiar. Como podemos, portanto, conceber uma infância absoluta com toda diversidade cultural presente?

Pensar que a infância é a mesma vivida por todas as crianças é desconsiderar a realidade e a bagagem cultural que cada criança traz e está inserida. Assim como há inúmeras diversidades entre crianças da mesma faixa etária, são também inúmeras entre crianças e um todo. A criança que vive na cidade tem uma vivência completamente diversa daquela que vive no campo.Mesmo entre as crianças da cidade podemos perceber que suas vivências diferem-se uma das outras, assim como entre as que vivem na vida rural, apesar de imersas num contexto social que se assemelha. Não podemos, portanto, acreditar que elas vivem ou viveram a mesma infância.

Considerar as diversidades de nossas crianças é se comprometer e ter a sensibilidade de entender a forma como a criança vive, pensa o mundo e as coisas do mundo. Quando falamos em infância, apontamos para as suas culturas e mediante isto precisamos ter em mente que esta que temos como modelo não necessariamente será a mesma vivida pelas nossas crianças. Sabemos que em uma sala de aula existem crianças oriundas de realidades completamente diferentes uma das outras e até de nós mesmos. Isso resulta em maneiras de ver, agir e pensar o mundo em harmonia com aquilo que vive, com o contexto na qual cada criança está inserida. De acordo com Sarmento (2002), as culturas da infância são elaboradas no vaivém que as crianças efetuam entre as suas próprias representações do mundo, geradas principalmente por meio das interações entre pares, nos jogos e brincadeiras e no uso de suas próprias capacidades expressivas.

Partindo dessa perspectiva, penso que é extrema a responsabilidade da escola que recebe essas crianças e que precisa promover a adaptação, a aprendizagem e uma interação harmônica com o aluno e a família e ainda com os próprios profissionais de ensino. Ao receber cada uma dessas crianças a escola precisa, ou ainda, deveria comprometer-se em se adequar a realidade delas. Na aprendizagem isso é uma necessidade. Como a criança pode aprender algo que para ela não remete a nada, não possui significado? Como ela pode ter êxito se a escola não contribui para isso? Como alcançar o desenvolvimento se o mesmo não é estimulado da forma correta?

Tais questionamentos são essenciais e servem como ponto de partida para compreendermos a importância de se reconhecer as diferentes infâncias no processo de ensino aprendizagem. Dentro deste processo são inúmeras as metodologias que poderiam ser adotadas pela professora, porém sabemos que geralmente a mesma adota uma como modelo e a mesma deve servir para todas as crianças, independentemente das especificidades que as mesmas possuem. Essa prática pedagógica, uma herança que ainda nos habita e que prega a homogeneidade, vem me incomodando constantemente, pois tal profissional sabe que esta à frente de inúmeras realidades e como pode o mesmo estipular um único método de ensino e querer que todos a aprendam da mesma forma (sem dificuldades)?

Segundo Corsaro (1997), as observações, as brincadeiras, as conversas e as relações sociais das crianças mostram que elas não são meras receptoras de culturas, mais do que reproduzir, criam seus próprios significados, estratégias e mecanismos de ação. Por que, portanto, vemos tantas práticas de ensino estáticas, que se baseiam na mera reprodução daquilo que é dito, de uma cultura que geralmente não é a que vive? Precisamos ter em mente

que as crianças são atores sociais do seu processo de ensino aprendizagem e que distante de estarem mergulhadas numa mesma cultura, expressam as suas na relação com o outro.

Vale ressaltar que muitas vezes a metodologia adotada não é tão somente responsabilidade individual da professora, pois nem sempre parte da mesma, sendo a escola aquela que a institui. O que pregam e buscam, portanto, os manuais, as cartilhas, as apostilas adotadas pela rede de ensino, se não a homogeneidade?

Conceber as diferentes infâncias e as culturas infantis dentro do processo de ensino aprendizagem é estabelecer a cada instante uma relação daquilo que vem sendo ensinado com a realidade das crianças. É adotar práticas pedagógicas que possibilitem o maior significado possível para as crianças, conseguindo que elas se interessem por aquilo que é abordado e interfira dando opiniões, fazendo apontamentos (muitas das vezes sobre situações vividas pelo mesmo e que foi remetida no momento que o assunto foi colocado em questão).

Pensar a educação por essa perspectiva é a meu ver a forma mais efetiva para integrar as infâncias vividas aos conteúdos ensinados, a realidade das crianças à realidade da escola, as vivências da professora com a das crianças. Sabemos que são também inúmeras as dificuldades de se estabelecer tal prática, pois requer trabalho, esforço e geralmente as pessoas escolhem o caminho mais fácil, o caminho pronto, mas penso que todo esforço resulta em resultados satisfatórios e esse deve ser o estímulo para seguir.

Conceber a educação por esse viés torna possível e efetiva a integração das infâncias vividas aos conteúdos estabelecidos, a realidade das crianças à realidade da escola e da comunidade, as vivências da professora com as crianças. Conceber, portanto, as diferentes infâncias dentro do processo de ensino aprendizagem é estabelecer a todo o momento relações de sentido sobre o conteúdo ensinado com a realidade das crianças, promovendo o pensamento reflexivo sobre o mundo, desenvolvendo o olhar crítico sobre si, sobre o outro e a busca pela humanização e transformação social.

5 - ALFABETIZAR OU NÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Quando pensamos a alfabetização e a sua construção histórica percebemos que esta por muito tempo se viu imersa em concepções tradicionais. Tais concepções enfatizavam apenas os aspectos técnicos de sua apreensão, ignorando o seu papel social e a sua função transformadora na sociedade. Seu método baseava-se na memorização e repetição. O eixo de sua discussão limitava-se à problemática de "como ensinar a ler e a escrever".

Com o decorrer do tempo, outras concepções sobre alfabetização surgiram com objetivo de ampliar a discussão sobre o tema e de problematizá-lo. É importante ressaltar que o conhecimento é algo construído historicamente e de forma relacional, sendo assim, está em constante transformação, aperfeiçoamento e ampliação com a sociedade.

A reflexão sobre essa temática nos possibilita o questionamento de alguns aspectos importantes. Primeiramente, questiono-me sobre o que, de fato, penso sobre alfabetização, sobre a etapa da educação infantil e posteriormente o que seria uma alfabetização neste segmento. Quero ressaltar que a forma como concebemos tal conceito irá refletir diretamente sobre a nossa prática cotidiana, sobre a forma como nos relacionamos com o processo de ensino aprendizagem e na relação com os educandos.

Vejo a alfabetização como um campo rico em aprendizagens e que completa uma gama de saberes das mais diferentes áreas do conhecimento. Percebo a sua construção como um processo contínuo, uma evolução gradativa dos sujeitos com o conhecimento. Essa relação pauta-se numa dinâmica de erros e acertos que busca o saber mais, a exploração e ampliação do conhecimento estimulada pelo confronto de questões que instigam, nas dúvidas que surgem, nas perguntas sem respostas.

Sabemos que quando pontuamos o termo alfabetização, nos remetemos diretamente para o processo de aquisição da leitura e da escrita, como ensinamos a ler e a escrever, quem ensina e quem aprende, esquecendo-se, portanto, de algumas questões importantes nesse processo que seriam: como as nossas crianças aprendem a ler e a escrever, o que pensam sobre a leitura e a escrita e a alfabetização. Permitir esse questionamento pode contribuir para a ampliação da temática, a reflexão dos sujeitos que a compõem sobre qual o papel e função desempenham e a sua importância nesse processo, além de propiciar a escuta sensível para com nossos educandos, o olhar crítico para com a sua realidade de vida e a cultura que provém.

Ferreiro (2013) faz uma comparação significativa com o "aprender a falar" e o "aprender a escrever" relacionando tais dinâmicas com a problemática presente nos processos de alfabetização. Ela afirma que:"Aprender a escrever ... é parecido com aprender a falar. Se nos dissessem para não falar até pronunciarmos corretamente todos os sons, seríamos todos mudos. [...] Para a fala, não exigimos perfeição desde o início, mas fazemos isso com a escrita.

A mesma questão a autora aprofunda em seu livro "Com todas as letras"

> Em língua oral permitimos à criança que se engane ao produzir, tanto quanto a interpretar, e que aprenda através de suas tentativas para falar e para entender a fala dos outros. Em língua escrita todas as metodologias tradicionais penalizam continuamente o erro, supondo que só se aprende através da reprodução correta e que é melhor não tentar escrever, nem ler, se não está em condições de evitar o erro. (FERREIRO, 1993, P. 31)

Ao deparar-me com essa afirmação percebi o quão são impositivas algumas práticas de ensino que trabalham com a aquisição da leitura e escrita. Vemos que estas têm exigido das crianças uma postura eficiente para com essa aprendizagem, de forma, que aprendam em pouco tempo e com eficácia e para isso as crianças devem apresentar respostas pré-determinadas. Quando submetidas a essa prática de ensino, percebo que são maiores as dificuldades pelas quais as crianças se deparam. É fato, que o processo de alfabetização é um caminho denso, complexo e de evolução a ser percorrido pela criança, porém quando organizado de forma estática e impositiva amplia as barreiras a serem enfrentadas pelas mesmas. A aprendizagem da escrita, diferentemente da aprendizagem da fala, não considera os erros como propulsor para o acerto, nem o percebe como aspecto importante nesse processo. Quando o bebê inicia a linguagem oral, ele começa por balbuciar, imita sons, reproduz e somente depois consegue estabelecer palavras e/ou frases de sua autoria. Essa aprendizagem dá-se no convívio com os sujeitos, com o meio e com as necessidades de "usar a fala" em determinados momentos. A criança apreende a linguagem oral, percebendo simultaneamente sua função social, o papel da oralidade na sociedade e sua importância. A aprendizagem da escrita deveria ser apreendida da mesma maneira, de forma relacional com os sujeitos que são produtores de cultura escrita e com a cultura escrita em si presente nas mais diversas situações do cotidiano, porém não é o que tem ocorrido nas instituições de ensino.

Ainda segundo Ferreiro (2013)"a escrita é um produto histórico de culturas urbanas. É um objeto cultural permeado por valores, a maneira de representar a língua oral que certas

culturas fabricaram e transmitiram". Dessa forma, compreendo que a cultura escrita apresenta-se diversa nos mais diferentes espaços sociais e culturas. Quando pensamos a mesma imersa ao contexto escolar, faz se necessário uma concepção que a considere na sua diversidade e multiplicidade, respeitando os valores que possui e a forma como se organiza. As nossas crianças irão nos apresentar por meio das suas vivências, experiências e através da relação diária,situações da cultura escrita que vive. Essa é a hora de aproveitar as situações como estímulo para a ampliação e exploração de outras culturas escritas, estabelecendo o diálogo, reflexões e favorecendo o acesso da criança a outras formas de linguagens. A organização de práticas significativas que contemplem e estimulem tais situações tornam possíveis reflexões por parte das crianças sobre a compreensão do por que da leitura e da escrita, porque as pessoas leem e escrevem e sobre qual função e importância possui para a vida cotidiana.

Quando penso o processo de alfabetização por uma perspectiva construtivista, que tem em Ferreiro sua inspiração,consigo perceber que não existe um tempo determinado para começar a alfabetizar. As crianças, desde cedo, entram em contato com experiências e vivências da cultura escrita, no seu dia a dia, na relação com os recursos midiáticos, com os meios de comunicação, nas instituições sociais, como a escola, a igreja, enfim, são inseridos (alguns com maior ou menor escala) a um processo de alfabetização que se constrói de forma gradual. Este compreende o ensino e a aprendizagem de forma evolutiva, aprimorando-se através dos erros e acertos, constrói reflexões e amplia o campo do conhecimento. Por que não pensarmos, portanto, a alfabetização na educação infantil? Quais contribuições a mesma poderia promover? O que queremos com essa alfabetização e que tipo de alfabetização pensamos para os pequenos? Aliás, o que pensam os pequenos sobre a leitura e a escrita? O que para eles é a escrita, onde a encontram?

Os questionamentos acima nos exigem um olhar mais detalhado sobre a etapa da educação infantil, suas diretrizes, seus objetivos, sua estruturação, organização e metodologias. O primeiro passo é compreendermos a mesma dialogando-a com a legislação vigente, somente depois pensarmos sobre a possibilidade de um trabalho com a alfabetização.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica (título V, capítulo II, seção II, art. 29), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade. Percebo que essa etapa de ensino veio ampliando-se ao longo do tempo, de acordo com as necessidades da sociedade. Num primeiro momento não eram valorizados os trabalhos realizados nesse

segmento, nem visto a sua importância. Com a crescente urbanização e a entrada da mulher no mercado de trabalho, a busca pela inserção dos pequenos à instituição escolar cresceu, ganhou ênfase e visibilidade. A sociedade gradativamente foi mudando sua postura frente às creches e pré-escolas, percebendo o papel que as mesmas exercem, as contribuições que pode promover e a importância que possui numa sociedade industrial. Inicia-se um novo olhar sobre a educação infantil e sobre o "ser criança",buscando de forma integral a consolidação de uma educação voltada para essa faixa-etária.

A busca pela consolidação de uma educação infantil que proporcione o desenvolvimento integral e global da criança,suas etapas de desenvolvimento, sua diversidade e pluralidade está pautada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que de acordo com a LDB, foi proposto pelo Ministério da Educação e do Desporto. O RCNEI é um documento que segundo o mesmo:

> Constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. Sua função é contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais. (vol. 1, p. 13)

O RCNEI organizou-se de forma que contribuísse para a orientação do trabalho realizado nas instituições de educação infantil, estabelecendo um modelo, parâmetro de pensamento e ações para com essa etapa de ensino. Quero ressaltar que o mesmo apresenta-se de forma flexível, considerando as diferentes formas de manifestações culturais. Busca a construção da cidadania pelas crianças, o desenvolvimento de uma postura crítica frente a realidade que vive e a possibilidade de transformação da mesma, de forma que compreenda a sua posição na sociedade, o papel que exerce, as contribuições que promove e perceba-se como um sujeito ativo na construção do conhecimento e autor de suas histórias.

A consolidação desse documento tem como finalidade a organização de uma proposta curricular que complete esse nível de ensino visto na diversidade da sociedade, nas múltiplas culturas nas quais as crianças estão imersas. Seu objetivo é contribuir e orientar o trabalho realizado na educação infantil pelas professoras, gestores e gestoras e toda a equipe pedagógica. Quero ressaltar que este serve apenas como parâmetro sofrendo, portanto, algumas modificações quando direcionado a determinadas instituições e comunidades

escolares. O interessante é considerar o universo cultural das nossas crianças, tendo este como ponto de partida para a construção do conhecimento.

> O Referencial pode funcionar como elemento orientador de ações na busca da melhoria de qualidade da educação infantil brasileira, por outro, não tem a pretensão de resolver os complexos problemas dessa etapa educacional. A busca da qualidade do atendimento envolve questões amplas ligadas às políticas públicas, às decisões de ordem orçamentária, à implantação de políticas de recursos humanos, ao estabelecimento de padrões de atendimento que garantam espaço físico adequado, materiais em quantidade e qualidade suficientes e à adoção de propostas educacionais compatíveis com a faixa etária nas diferentes modalidades de atendimento, para as quais este Referencial pretende dar sua contribuição. (vol. 1, p. 14)

Quando pensamos nas diversas propostas educacionais que poderiam ser oferecidas e pensadas para a educação infantil, compatíveis é claro com a realidade das nossas crianças, recordo-me sobre um trabalho de alfabetização para com a mesma. Como vimos, a alfabetização não necessariamente necessita de uma idade certa para ser iniciada, a criança desde pequena tem inúmeros encontros com situações da escrita e da leitura no seu dia a dia. Sabemos que há um pensamento equivocado sobre um trabalho de alfabetização na educação infantil, quando afirmam que o mesmo restringe-se a uma preparação para o ensino fundamental. Como afirma Ferreiro (2013) permitir aos pequenos entender as funções da língua escrita não é antecipar o Ensino Fundamental, é contribuir para que eles ingressem nas práticas sociais pertinentes para a escrita. Esse, portanto, precisa ser o nosso objetivo, proporcionar as crianças, através das múltiplas linguagens, o acesso a experiências da cultura escrita, inserindo-a cada vez mais cedo ao mundo letrado pela qual já estamos inseridos.

A inserção na cultura escrita ocorre desde as situações mais simples do cotidiano e tendo que vista que estamos inseridos a uma sociedade altamente letrada, percebemos que a criança ao nascer já se encontra imersa nessa realidade e a um processo de alfabetização que quando bem estimulado, proporciona a construção de saberes de forma integrada, desenvolve uma aprendizagem global e integrada da criança propiciando a mesma cada vez mais recursos para a construção de sua cidadania e para um olhar crítico perante a sua realidade. Logo, me remeto ao questionamento inicial: Alfabetizar ou não na educação infantil?

Esse questionamento caminhou comigo por toda a minha prática em sala de aula, no diálogo com as crianças, nas contradições que me deparei e em todo este meu trabalho final de curso. Quando penso a alfabetização na educação infantil, penso a possibilidade de promover às crianças as mais variadas formas possíveis de compreender e inseri-las na cultura

escrita, tão exigida na sociedade em que vivemos. O que vejo nas instituições de ensino são práticas de escrita e leitura que se restringem ao aspecto técnico do processo, priorizando a repetição e a memorização. A alfabetização por essa perspectiva é vista de forma fragmentada, em etapas. O que, de fato, tem ocorrido nas classes de educação infantil é uma violência que desconsidera as especificidades das crianças, as múltiplas linguagens que possui e as restringe à apenas uma: a língua escrita. Quero ressaltar que a mesma não é a única forma de expressão.Destaco, portanto, importante a leitura da poesia abaixo, do autor Loris Malaguzzi.

Ao contrário, as cem existem

A criança
é feita se cem.
A criança tem cem mãos
Cem pensamentos
Cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
Cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura

lhe separaram a cabeça do corpo
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas que não estão juntas
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário as cem existem.

(Revista *Bambini*, Bergamo, ano X, n.2, fev.1994. Tradução livre do original italiano de Ana Lúcia Goulart de Faria, Maria Carmem Barbosa e Patrizia Piozzi)

Como vimos são múltiplas as linguagens infantis e suas culturas. O que precisamos é compreender o mundo das crianças para melhor entendê-las, tendo em vista que estas já o lêem muito antes de aprender a leitura e a escrita. Faz-se necessário uma pedagogia que esteja centrada nos pequenos e que lhes permita a construção e relação com as mais diversas culturas infantis. A criança precisa ser vista por nós como produtora de conhecimento e ser estimuladas por meio de experiências empíricas e que lhes façam sentido. O nosso objetivo é

fazer com o prazer pelo conhecimento, um conhecimento que transforma, permaneça nas práticas escolares.

Na maioria das instituições de ensino percebemos a ênfase dada a escrita de letras, ao desenho das mesmas segundo a forma manuscrita, esquecendo-se, portanto, que as crianças não apenas lêem e escrevem letras. São múltiplas as suas linguagens e a nossa função como professora é oferecer possibilidades para que as crianças desenvolvam e potencialize todas de acordo com o que lhe mais faz sentido. O eixo do problema está na suposta obrigação da escola em trabalhar apenas com a leitura e a escrita, de forma escolarizada, como se fosse um conteúdo da etapa da educação infantil, limitando, portanto, a construção do conhecimento pela criança e a sua integração com os outros campos do saber.

A alfabetização na educação infantil pode ser realizada de forma efetiva, porém, precisamos observar as nossas crianças, o que elas pensam, as experiências que compartilham, as linguagens que possuem, o que gostam de fazer, o que pensam sobre a escola e o que querem aprender. Numa dinâmica de troca de saberes e vivências com o coletivo a construção do conhecimento acontece, a criança aprende a conviver com as diferenças,busca gradativamente a sua cidadania e vai compreendendo o seu papel na sociedade. Precisamos contribuir para que as nossas crianças sejam crianças, que se expressem no coletivo e que aprendam com este. No entanto, quando chega à escola a criança vê limitada as suas áreas de expressão, sendo apenas desenvolvidas aquelas relacionadas à palavra e à escrita. E as outras 99 linguagens? Porque não é realizado um trabalho com estas? Qual o objetivo na ênfase de uma alfabetização que preza apenas a linguagem escrita?

Ferreiro(2011) , em seu livro: “Reflexões sobre alfabetização” afirma que a escrita pode ser concebida de duas formas. A primeira, segundo a autora é baseada numa concepção tradicional, é como um código de transcrição gráfica da linguagem, enfatizando, portanto, os aspectos gráficos produzidos pelas crianças, a discriminação visual e auditiva como pré-requisito, a qualidade do traçado das letras, ignorando os aspectos construtivos na aquisição da escrita. A segunda, segundo a mesma, é como um sistema de representação da linguagem. Leva em consideração os aspectos construtivos, a exploração da cultura escrita e as produções espontâneas das crianças.

Concordo com Ferreiro (2011) quando a mesma ainda afirma que o primeiro modelo, baseado numa perspectiva tradicional, percebe a criança de um modo empobrecido. Como pontuei anteriormente, caminhar por esse viés é desconsiderar as especificidades dos nossos pequenos e restringi-los a uma única forma de expressão.

A alfabetização na educação infantil deve agrupar o maior número de linguagens possíveis e deixar com que estas sejam exploradas pelas crianças. Os nossos pequenos encontram-se numa fase aguçada do conhecimento, querem saber o porquê de tudo, questionam, se expressam de formas variadas, fazem "pontes" com o que vivenciam no dia a dia, querem falar, contar e compartilhar e a escola é o espaço ideal para essa troca e busca pelo conhecimento, pois permite o coletivo e o contato com crianças de faixa-etária iguais e diferentes.

Outros aspectos e espaços são importantes para esse processo de alfabetização como as bibliotecas de classes, que segundo Ferreiro (2011) apresenta um impacto positivo entre crianças de 4 e 5 anos de idade, a sala de artes visuais, sala de música, os recursos da tecnologia, recursos imagéticos, a possibilidade da presença de pomares, hortas etc. Sabemos que a presença desses espaços são importantes e facilitam o processo de ensino aprendizagem, porém, a sua existência física apenas não garante o desenvolvimento de um trabalho efetivo. Este é pensado e desenvolvido pelo profissional que está a frente desse processo, sua função é criar oportunidades para que as crianças construam seu conhecimento e sejam estimuladas a querer aprender mais. O espaço físico facilita a ampliação e a possibilidade de pensar novos estímulos e desenvolver novas práticas.

Trabalhar a alfabetização na educação infantil, segundo uma concepção construtivista, exige dos profissionais um olhar flexível, cuidadoso e compreensivo para com o trabalho que ali será realizado. Será um trabalho denso, que exigirá reflexão, aperfeiçoamento pela professora a fim de melhor contribuir para a construção do conhecimento das crianças. Importante salientar que a professora assumirá o papel de mediadora desse processo, sendo a criança àquela autora e produtora de seus saberes.

No decorrer desse trabalho, sabemos que iremos nos deparar com inúmeras as dificuldades e peculiaridades. Algumas práticas de trabalho poderão não corresponder as nossas expectativas, por isso a necessidade constante de reflexão e aprimoramento profissional. O importante é não cairmos na busca de culpados, nem de atribuir determinados problemas a fatores externos. Ferreiro (2013) nos alerta que o fracasso escolar não é questão de patologias nem de falta de estímulo em casa. Ela afirma que não devemos classificar as nossas crianças no primeiro, segundo, terceiro dia de aula – o que vai aprender, o que vai aprender mais ou menos, e o que certamente não vai -, assim estaremos contribuindo para o fracasso escolar.

6 - ALFABETIZAÇÃO OU LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES

A concepção de alfabetização por muito tempo foi atrelado a métodos e práticas alfabetizadoras que enfatizavam a codificação e a decodificação de códigos. Esta levava as crianças a importar-se em maior parte com a grafia corretas das palavras e frases, dando maior ênfase a ortografia e concordância, mesmo que em pequenas orações. Preocupadas com esses aspectos, estas vinham tendo sua criatividade e autenticidade perante a escrita deixada de lado. Não precisavam expressar de forma autoral, precisavam cumprir as regras exigidas por uma sociedade letrada. Porém, que sociedade é essa e quais são os aspectos que exige? Sabemos que para entendermos qualquer processo social, ou seja, que se dá de forma relacional, no encontro com o outro, precisamos antes de tudo compreender e analisar a conjuntura histórica na qual o mesmo está inserido.

A alfabetização é um marco na história da humanidade. Pensá-la requer uma vasta análise sobre os mais diversos aspectos que a englobam e que de alguma forma a englobaram. Tal conceito caminhou pela história humana por longo tempo, antes mesmo de receber este nome que a identifica, alfabetização. Ela foi por muito tempo vista como um processo de ensinar a ler e a escrever, como se tal processo fosse tão simplista quanto parece. Os profissionais que atuavam frente a esse processo carregaram e muitos dos que hoje ainda atuam carregam, uma enorme cobrança sobre essa etapa escolar, pois são cobrados a todo custo alfabetizar. Mas o que se pensa quando falamos em alfabetizar? O que pensamos sobre esse processo de alfabetização? Sabemos como agir?

Apesar de reduzida majoritariamente a uma técnica a ser apreendida e ensinada como habilidades para leitura e escrita, tivemos em nossa trajetória histórica, autores que a perceberam como um campo de conhecimento muito mais global do que vinha sendo vista. Paulo Freire (2014, 2003, 1996) , principal e percussor das discussões e reflexões sobre o que vinha ser alfabetização, suas práticas e influências históricas, revolucionou em grande escala a educação no Brasil, a partir da década de 60 do século XX, em questão não somente o campo educacional, mas a formação humana como um todo.

O conceito letramento, que surge na década de 1980, a partir das proposições de Soares (2004), veio atrelado a uma perspectiva que se dizia social e mais significativa. A origem do termo está relacionada à palavra inglesa “literacy”, representada por ações que exigiam a aprendizagem da leitura e da escrita. Baseava-se em parâmetros que colocavam em

questão o conceito de alfabetização e a sua capacidade para preparar os indivíduos tendo em vista às exigências de uma sociedade altamente letrada.

Com a proposição do conceito novos debates no campo acadêmico são colocados. Alfabetização e letramento: o que representam esses processos? são complementares, equivalentes ou ainda anulam-se? Em que ideais estão pautados? O que querem para a educação? Que adultos querem formar?

Tais conceitos são vistos por alguns estudiosos como termos que se completam e por outros como que se opõem. Penso que é extenso o campo de estudo sobre tal temática e que percebê-la de forma limitada é anular toda a conjuntura histórico-político-social na qual a mesma se desenvolveu.

Assim como o conceito de alfabetização, o conceito de letramento precisa ser analisado de forma que possibilite a reflexão dos docentes sobre ambos os conceitos, propiciando diferentes olhares sobre a prática alfabetizadora. Preocupo-me ao saber que muitas vezes discussões como essas mobilizam muito mais o campo acadêmico do que as práticas cotidianas da escola e acabam construindo muito pouco para o aperfeiçoamento da ação docente.

Olhar o campo educacional e a alfabetização a partir de referenciais que possibilitem um posicionamento crítico em busca da construção de práticas emancipatórias enriquece, não apenas a professora que está a frente desse processo, mas as suas práticas efetivas, as suas relações com o outro, com o processo de ensino aprendizagem, com a formação de seres mais singulares.

Na educação infantil, as crianças pequenas sempre nos surpreendem constantemente com os saberes que já possuem, com o que dizem e afirmam. Estas são provenientes de mundos distintos, são diversas nas suas especificidades e ricas em experiências para contar. Segundo Paulo Freire (2003, 1996) , a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Voltando ao fato de que estas sempre têm muitas experiências para compartilhar, pergunto-me, o que estão fazendo ao compartilhá-las? Seriam estas resultados de uma leitura de mundo? Que tal utilizá-las como porta de entrada para a leitura da palavra? Em meio a esse processo, seria importante conversarmos com as crianças sobre o que pensam da leitura e da escrita, se a interessam e se realmente querem se alfabetizar. Será que a alfabetização na educação infantil significa, de fato, a imposição de exercícios mecânicos e repetitivos de cópias de letras, silabas e palavras? O que pensam as crianças sobre essa prática de ensino?

Paulo Freire (2003,1996), dentre outros pesquisadores, nos lembra que pensar criticamente pode contribuir para a construção de homens que questionem, que perguntem, que não aceitem tudo passivamente. Esse, portanto, é o eixo central do problema. A sociedade em que vivemos parece,na maior parte do tempo, não querer mudanças, nem uma formação humana que desenvolva nos sujeitos a busca pela transformação. É o que queremos para as nossas crianças? Tão diferentes enquanto pequenas, mas tão semelhantes quando adultas. Não refiro à personalidade, mas aos ideais na qual se encontram e na forma como levam a vida, marcada por uma alienação ampla e contínua, seja no campo dos saberes, do comportamento, da moda, do consumismo. Qual é mesmo o tipo de sociedade em que vivemos? Seria esta capitalista? Responde essa semelhança?

As leituras que tenho feito no curso de Pedagogia, bem como a experiência que tenho vivido na escola na Educação Infantil dizem para mim que sobre o segmento da Educação Infantil, a alfabetização precisa caminhar por um trabalho com as diferentes linguagens, pois a meu ver é um dos meios mais eficazes para alcançar um desenvolvimento global da criança e permitir o desenvolvimento de sua singularidade, criatividade e ações autênticas. Penso que este trabalho possibilita um encontro empírico com as diferentes formas de aprendizagens e estabelece relações concretas da realidade que as crianças vivem com as coisas do mundo.

Perceber a alfabetização em encontro com o trabalho das diferentes linguagens é estabelecer práticas alfabetizadoras transformadoras, é ouvir as crianças, criar situações onde elas possam se expressar livremente, que possam opinar, que possam interferir e escolher sobre as melhores formas de se trabalhar com o mundo da escrita, formas estas que ganham sentido e permitem a reflexão e o questionamento. Tornar a criança o centro da aprendizagem é percebê-la como sujeito sócio-ativo, interativo e capaz de estabelecer e construir suas próprias significações.

No trabalho com as diferentes linguagens vemos que são inúmeras as formas de trabalhar com um mesmo assunto. Percebe-se o quão rico são os campos dos saberes e que quando trabalhados de forma transversal estabelecem diálogos ricos em sentidos, vivências, culturas. A busca de um trabalho diverso em linguagens requer da professora um conhecimento a respeito das especificidades das crianças, do contexto da comunidade em que estão inseridas, a fim de desenvolver um trabalho que propicie o diálogo. Sabemos que caminhar por essa perspectiva dá trabalho, exige pesquisa, reflexão, a busca do outro e de si mesma.

As reflexões até aqui desenvolvidas me levam a buscar, portanto, compreender primeiramente o campo da educação infantil, como se dá o processo de leitura e escrita nesse segmento, como que as crianças dessa faixa etária concebem esse processo e qual a melhor forma de atingi-las significativamente. Precisamos ainda perceber as especificidades dos conceitos de alfabetização e letramento, o que dizem, no que se pautam, em busca de melhor compreender as contribuições que podem oferecer para a construção de práticas alfabetizadoras emancipatórias.

7- PENSANDO CAMINHOS PARA O TRABALHO COM A LEITURA E AESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA PESQUISA

No ano de 2013, como parte do currículo do Curso de Pedagogia, estagiei em uma escola de educação infantil da rede pública de Niterói, cidade do Estado do Rio de Janeiro. Pude deparar-me naquele momento com práticas pedagógicas que me instigaram a refletir sobre as questões que trouxe para a presente monografia. Foi uma experiência incrível, instigante e reflexiva.

A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Rosalina de Araújo, localizada no bairro Barreto, da cidade de Niterói contribuiu para reforçar a visão que eu tinha sobre a inserção de práticas alfabetizadoras nas classes de educação infantil. A escolha da mesma se deu pelo fato de já ter ouvido muitos elogios do trabalho que nesta vinha sendo realizado. Primeiramente, quero enfatizar que fui extremamente bem recebida por todo o corpo docente e administrativo da instituição. Nela, estagiei por uma semana e um dia e foram estas riquíssimas para a minha formação e para a construção de um pensamento crítico sobre o papel da educação. Presenciei práticas pedagógicas estimulantes, criativas que despertavam nas crianças o prazer pela aprendizagem, um olhar criativo sobre as situações vivenciadas, o desenvolvimento da autoria, uma participação efetiva na construção dos saberes.

Iniciei o estágio na turma do pré-escolar I, nela as crianças tinham em média de quatro a cinco anos de idade. A classe era composta, aproximadamente, por vinte crianças, porém, era excessiva e frequente a falta dos mesmos. Geralmente a turma ficava composta por no máximo 10 crianças e a professora. Esse fato deixou-me com uma indagação sobre o porquê da falta das crianças, da ausência das mesmas sem a apresentação prévia de motivos. Dessa forma questionei-me se determinadas faltas refletiam as dificuldades dos pais em manterem seus filhos na escola, a distância da moradia-escola, o desemprego de familiares, a dificuldade em ter alguém que leve e busque a criança na escola, já que muitos pais trabalham em horário integral, ou mesmo outros fatores relacionados com os acontecimentos que ocorrem nas comunidades nas quais moram como, por exemplo, a violência e, portanto, a preocupação em sair de casa e etc. Tais questionamentos,contudo, permaneceram sem respostas até o final do estágio.

Confirmando a organização do espaço como parte do currículo pedagógico as observações realizadas na escola muito me informaram sobre as relações das crianças com a leitura e a escrita desenvolvidas naquele espaço. Quero ressaltar que tais dados são

importantes na compreensão da pesquisa em si, da instituição escolar, da sua estruturação e organização.

O espaço da sala de aula era amplo incluindo um banheiro, um grande armário para a guarda dos materiais, dois murais e um espelho preso na parede, além de organizado com quatro mesinhas coletivas. Trabalhos de todos os tipos feitos pelas crianças estavam expostos nas paredes, estantes e cantos da sala. Já de início percebi que a escola possuía uma proposta diferente. Quando olhei para os trabalhos nas paredes, observei que era indispensável a participação das crianças na elaboração e construção das atividades. Ali continha, por exemplo, um cartaz com o alfabeto de A à Z, neste foi incluído os nomes das crianças (escritos por eles) de acordo com a letra inicial do nome. Exemplificando: O nome Aila permanecia na letra A do alfabeto, já o de Matheus na letra M e assim por diante. Dessa forma, penso que as crianças passam a ter mais facilidade na organização da escrita e das letras contidas no seu nome. Começam a reparar as letrinhas dos nomes dos colegas, as que possuem iguais e as que não e assim vão as incorporando significativamente.

Ilustração I: Alfabeto de A à Z com os nomes das crianças e produzidos pelas mesmas.

Pude ainda observar a existência de um gráfico dos nomes. Nele, os nomes das crianças estavam em ordem alfabética e de acordo com o número de letras. O gráfico comparava a quantidade de letras dos nomes das crianças: os nomes com mais letras, os com

menos letras e os que tinham a mesma quantidade. Assim, além de aprender letras e números, comparando-os a partir do gráfico, as crianças aprendiam o que vem a ser um gráfico, sua função, como pode ser representado e qual seu objetivo.

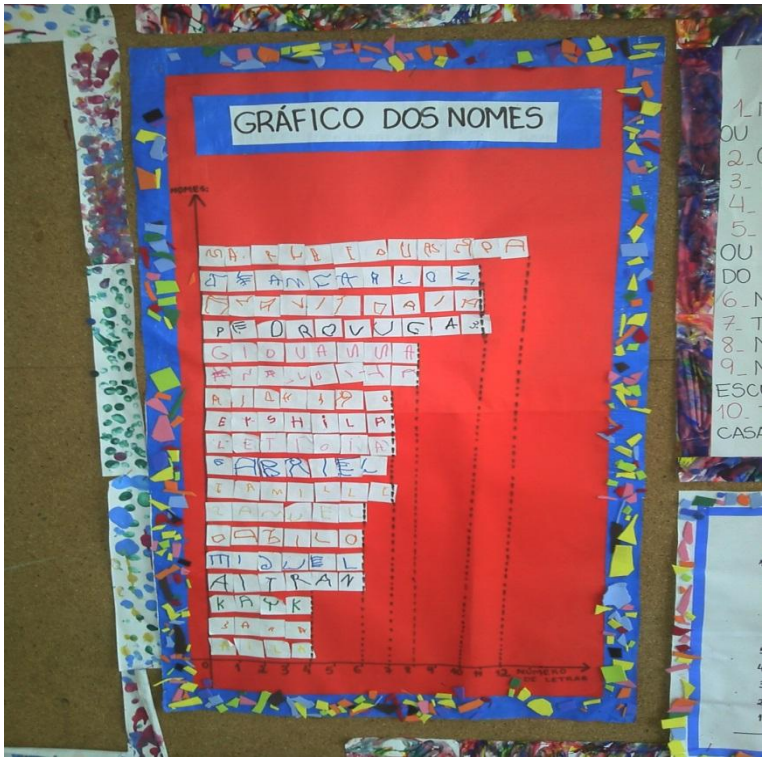

Ilustração II: Gráfico dos nomes redigidos pelas crianças.

Ilustração III: Gráfico dos nomes identificando as crianças que possuem nome simples e nome composto.

Neste mesmo espaço, presenciei também um cartaz que representava o quadro de horários e a construção de um boneco de papel representando um amigo da turma.

Ilustração IV: Quadro de horários representando a rotina da semana.

Ilustração V: O boneco Cirilo da Silva Conceição confeccionado pela turma e a sua identidade.

O quadro de horários, construído pelas crianças, continha os dias da semana iniciando no domingo e finalizando no sábado. Cada dia é preenchido por desenhos, feito pelas crianças sobre a rotina que vivenciam. No domingo e no sábado, os desenhos representam a presença com a família, pois são dias que eles não vão à escola.

O boneco, o amigo da turma, foi construído junto com as crianças e permanece em um dos murais da sala. Ele recebeu um nome, dado por elas. Também consta no mural uma carteira de identidade com todas as suas informações sobre o Cirilo da Silva Conceição. Achei incrível a ideia da identidade! Dessa forma, as crianças começam a compreender o que é identidade, bem como a necessidade da existência de um documento de identidade, o que tal documento contém, sua finalidade etc. Atividade que favorecia a construção de uma relação significativa entre escrita e a sua função social.

As práticas de ensino ali presenciadas trouxeram-me outras reflexões sobre como se dá o processo de ensino aprendizagem, como vem sendo estabelecida a relação da criança com a leitura e a escrita, o que pensam sobre a inserção de práticas alfabetizadoras nas classes de educação infantil, que tipo de educação concebem e o que almejam com a educação de crianças.

Num primeiro momento pude perceber a existência de uma rotina diária, incluindo a hora do café da manhã, a hora do almoço/lanche e a hora da higiene. Ao retornar para a sala de aula, dá-se início às atividades pedagógicas. A primeira e frequente atividade realizada por eles todos os dias é o preenchimento do calendário. Cada criança possui o seu calendário, assim como a professora. Ao retornarem do café da manhã, as crianças o preenchem com as atividades referentes ao dia de "hoje", porém antes se lembram do dia anterior e do que virá. São enfatizados aspectos como a data, o dia da semana, o mês e o ano. Essa é uma atividade feita diariamente. Ela trabalha com a identificação dos números, com a noção espaço-temporal, dialoga com aspectos de nossa realidade (o calendário) e estabelece diretamente o contato das crianças com a noção do numeral nos seus usos sociais.

No primeiro dia, a professora sentou-se com as crianças em roda e relembrou o que trabalhou com eles na semana anterior, a música Aquarela de Vinícius de Moraes. Ao iniciar o assunto, eles logo começaram a opinar, contar o que lembravam, cantar a parte da música que sabiam e ainda dizer o que sabiam do Vinícius. Fiquei encantada com a relação que estabeleciam com o Vinícius de Moraes. Na forma e no conteúdo das As narrativas das crianças sobre o poeta revelavam um carinho especial. O que muito me impressionou. Após a conversa, a professora sugeriu que fizessem um cartaz Aquarela. Mas como seria esse cartaz?

O que seria uma Aquarela? Uma das crianças colocou a resposta: *Me lembra o arco-íris, muitas cores!* Vamos começar então a produzir! Foram colocados dois cartazes brancos, potes de tintas guache variados e pincéis. As crianças foram divididas em dois grupos, ficando cada grupo com cada cartaz. Após a divisão cada criança pôde de forma livre, espontânea e prazerosa escolher o pincel e as tintas que gostariam de usar. Deu-se início uma pintura coletiva que proporcionava a criatividade, o trabalho em grupo e a expressão artística. A mesma seria exposta no mural da escola como representação da música que com eles foi trabalhada.

Ilustração VI: Pintura referente à música: Aquarela de Vinícius de Moraes.

No segundo dia, após a rotina já estabelecida, a professora sugeriu as crianças que se sentassem em roda para que pudessem conversar. Naquele dia falariam mais um pouco sobre o Vinícius de Moraes. Juntamente com as crianças, a professora produziu e escreveu no quadro negro um pequeno texto com o intuito de retratar a experiência das mesmas e o contato que viam estabelecendo com o poeta.

O texto dizia:

> *O Vinícius de Moraes fez a história do Pato Pateta. Ele gostava de fazer músicas para as crianças. Tinha a música da casinha, da aquarela, da pulga e da foca. Nós gostamos das músicas de Vinícius de Moraes*.

Durante a elaboração do texto as crianças foram dando sugestões e opiniões sobre o que vivenciaram até aquele momento no projeto sobre Vinícius de Moraes. A intenção era transpor o discurso oral para a forma de escrita no quadro negro. Enfim, falaram sobre as músicas, sobre a história do pato pateta e da atividade realizada por eles sobre a mesma e se gostaram ou não de conhecer o Vinícius de Moraes. Tudo foi registrado, porém a professora selecionou apenas alguns pontos mais enfatizados. Após a construção do texto, a professora leu e relembrou com eles cada história, cada atividade e cada música cantando-as. Um deles perguntou: *Professora, tudo o que a gente falou está escrito aí (no quadro)*? E respondeu continuamente: *Que legal, é divertido!* Com o decorrer da atividade, fui percebendo o interesse das crianças em querer participar, estavam envolvidas com aquela produção, queriam compartilhar o que sabiam, ouvir o que os colegas também sabiam e dessa forma iam construindo saberes mutuamente. Foram percebendo que podíamos escrever aquilo que dizemos e acharam legal a professora ler depois palavras e afirmações feitas por eles.

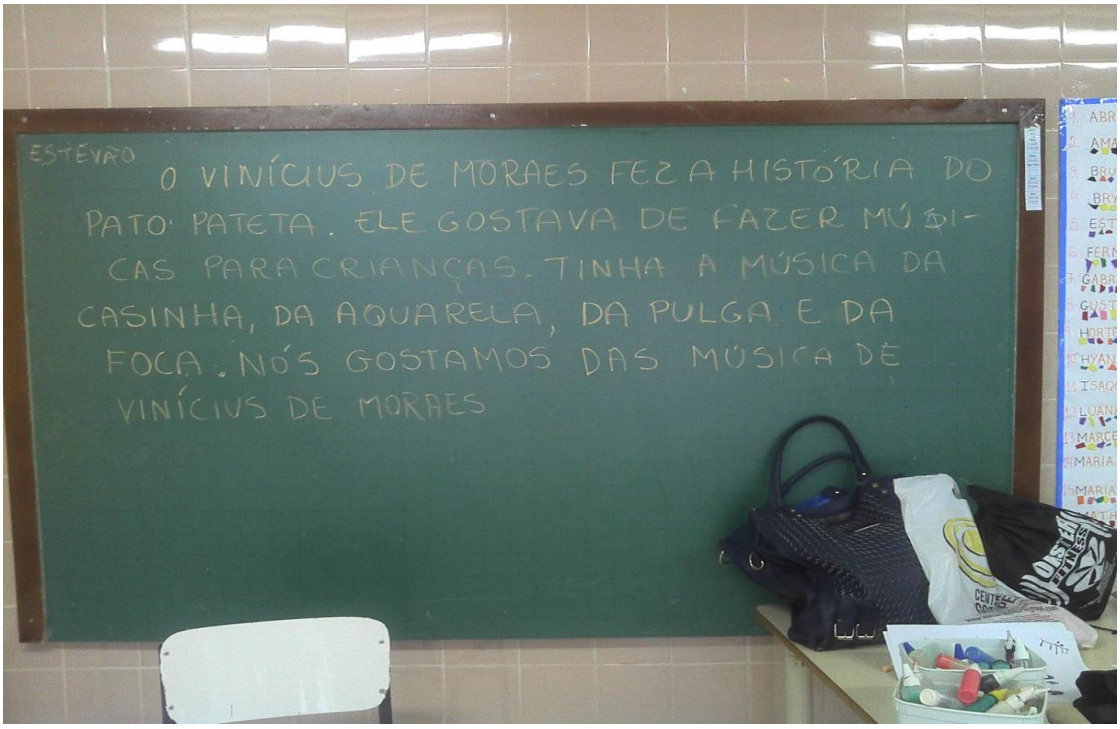

Ilustração VII: A versão final do texto produzido oralmente pelas crianças e redigido no quadro negro pela professora.

O terceiro dia iniciou-se com a atividade: A história do desenho. Naquele dia, o desenho escolhido foi o da amiga Aila. Organizadas em roda a professora distribuiu para cada criança uma folha A4, na qual continha o desenho e a história da Aila com título: As crianças perdidas. A história foi elaborada pela própria Aila de forma oral (referente ao desenho que

fez inicialmente) e digitalizada pela professora para o compartilhamento com os colegas. Segue a história:

As Crianças Perdidas

Duas crianças foram passear e se perderam. Elas caíram no buraco fundo e elas não gritavam socorro. Ficaram lá muito tempo. Um cachorro passou por lá e viu as crianças no buraco. O cachorro tentou salvar as crianças, ele pegou uma corda jogou para elas e puxou elas. As crianças ficaram muito felizes.

Inicialmente formou-se a roda e como disse anteriormente a professora distribuiu para cada criança a história da Aila. Depois de distribuído a professora pediu que observassem o desenho e a história escrita e fez alguns questionamentos do tipo: Quem fez essa história? E o desenho? Vocês sabem o que é um ilustrador? E a autora? Contextualizando os conceitos autor e ilustrador sobre a história da Aila a professora explicou que a mesma por ter feito o desenho, ou seja, a ilustração ela por isso seria a ilustradora e também por ter pensado e feito a história também seria a autora.

Agora é a hora de ler a história! A professora pediu que as crianças virassem a folha de forma que a parte branca (sem nada) ficasse para cima (com o intuito de que as crianças prestassem atenção apenas àquilo que estava sendo oralmente dito) e começou a ler a história. Após a leitura, a mesma fez muitas perguntas sobre a história e as crianças respondiam com total facilidade sobre a presença de todos os personagens e os acontecimentos. Essa prática possibilita à criança o estabelecimento e o desenvolvimento da noção de tempo e espaço além de provocar a oralidade, a compreensão dos acontecimentos em sequência entre outros aspectos.

Agora é a hora de lermos juntos! Virem as folhas e vamos lá! Começando pelo título todas as crianças já posicionaram o dedinho no local indicado e “liam” com olhos e dedos as letrinhas e as palavrinhas que ali se faziam presente. Esse trabalho desenvolve a percepção da criança sobre a função social da escrita, no sentido do: por que escrever? Por que a escrita? Além de desenvolver nas crianças a percepção sobre o ato da leitura que começa da esquerda para direita e o posicionamento dos títulos (sempre acima, no meio e destacado do texto). Após a leitura coletiva chegou a hora de colorir o desenho da Aila.

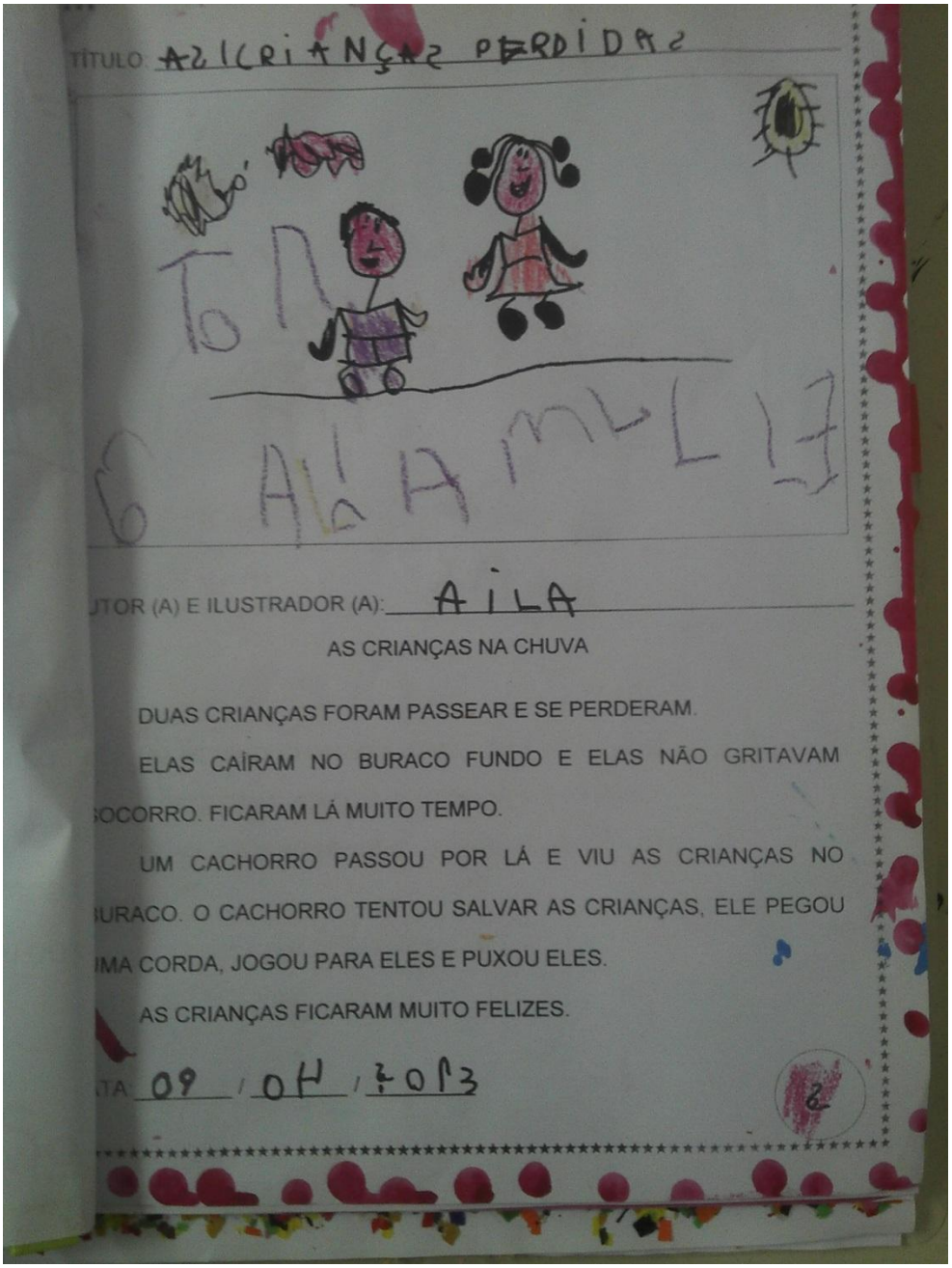

Ilustração VIII: O desenho e a história: As crianças perdidas, produzida pela Aila.

O quarto dia deu início de uma forma diferente. As crianças foram levadas para a Sala de Leitura, na qual tiveram uma apresentação da "Companhia Histórias para Boi dormir" com as atrizes Viviane Netto e Laura Telles. A apresentação baseou-se na contação de histórias sobre temas trabalhados pelas crianças em sala de aula durante o ano. Foram relembradas algumas histórias de D. Quixote mescladas com "A Arca" de Ruth Rocha e alguns poemas e músicas de Vinícius de Moraes. Foi uma apresentação dinâmica, musicalizada e dramatizada, inclusive pelas próprias crianças.

Ilustração IX: Apresentação da "Companhia Histórias para Boi dormir" com as atrizes Viviane Netto e Laura Telles.

O segundo momento do dia foi finalizado com o ensaio da festa de encerramento. Na festa de encerramento seriam apresentadas algumas músicas de Vinícius de Moraes trabalhadas com as crianças durante o ano por turmas específicas para cada música, como a do Pato Pateta, a música da Foca, Garota de Ipanema entre outras. Para a apresentação final com a participação de todos as crianças foram apresentadas as músicas: "A Paz" do Grupo Roupa Nova e Dirty Dancing.

Observei que constantemente a escola busca articular os saberes mobilizados nas diferentes atividades com as vivências das crianças fora e dentro da escola. Propicia ainda momentos lúdicos que dialogam com aquilo falado em sala de aula desenvolvendo, portanto, a construção do sentido no seu processo de ensino aprendizagem.

Os dias posteriores seguiram com as atividades sobre A história do desenho. Foi trabalhada a história do desenho da Letícia e da Hortência. Seguem as mesmas respectivamente:

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menininha, o nome dela é Chapeuzinho Vermelho. Um dia ela foi levar a flor para a avó dela porque a sua avó gostava muito de flores, mas ela ficou com medo do lobo mau porque ele era muito malvado.

As Meninas Perdidas

Era uma vez uma bruxa e duas meninas. A bruxa queria pegar as meninas e as meninas ficaram com medo. Os pais delas diziam que elas iriam morrer no caldeirão da bruxa e as irmãs ficaram com medo de ficarem sozinhas. Aí uma irmã ia fugir e disse que a bruxa iria morar com ela e a outra irmã ia para o deserto e no final a bruxa morreu.

Ilustração X: A produção das crianças referente à história: As meninas perdidas, da Hortência.

Foi realizada toda a dinâmica feita na história da Aila. Nesse momento, portanto, não é mais a Aila a ilustradora e autora da história. As crianças passam a refletir sobre o que vem a ser um autor e ilustrador, percebem que estes mudam-se quando muda aquele que produz a história ou a ilustração. Vão sendo inseridos harmonicamente no mundo da escrita. Começam a relacioná-la a aspectos de suas vivencias, àquilo que pensam, que lhes fazem sentido e vão expressando-se diversamente sobre esse mundo, interferindo-o e ajustando-o a sua realidade. Trabalham ainda com a produção autoral, desenvolvendo a criatividade, autenticidade, expressão artística e imaginativa. São estimuladas a opinarem, a refletirem sobre os fatos que vivenciam, a trabalhar com os diversos tipos de materiais nas suas mais diferentes formas, em confecções de jornais, através do teatro, nas brincadeiras, em forma de música, poesias, construção de histórias, fantoches e o bornal de leitura. Este servia como uma bolsa de leitura e propiciava o estímulo pela prática de leitura e a integração da mesma com a família da criança. Todos os dias o bornal era selecionado para uma criança da turma. Esta precisaria, portanto, escolher um livro de literatura infantil (apresentado em uma lista de

livros já pronta) para que pudesse levar para a residência juntamente com o Bornal. O livro escolhido seria lido por algum dos seus familiares e a experiência com a leitura seria contada após, de forma escrita (pelo responsável que leu a história), e em forma de desenho (pela criança) no próprio Bornal de leitura. O interessante nessa experiência é a integração desenvolvida da criança e seus familiares com a prática de leitura, feita de forma significativa, prazerosa e inovadora.

Ilustração XI: O bornal de leitura.

Ilustração XII: Algumas histórias disponíveis para o trabalho com o bornal de leitura.

A comparação entre a experiência vivida no estágio e a metodologia proposta na escola onde atuo me possibilitou pensar que ficar preso apenas a um livro didático é desconsiderar as diversas formas de aprendizagens que existem. Trabalhar também com a construção de texto pelas crianças, mesmo que por enquanto de forma oral, é um campo rico para conseguir estabelecer na criança a compreensão do mundo letrado, da cultura escrita. Inserir essa criança a cultura escrita possibilita o desenvolvimento de um amplo campo de atuação de si sobre o mundo. É muito mais do que alfabetizá-la, vista em sua simplicidade, é uma alfabetização de mundo, tal qual proporcionará a formação de um sujeito que compreenda as dinâmicas de poder que em volta dele rodeia, um ser humano que busque constantemente a sua humanização e emancipação, através da transformação social. Esta apenas se dá pela conscientização. Uma conscientização que se constrói através de práticas que proporcionam a reflexão, o pensamento crítico, uma postura questionadora sobre a realidade.

A possibilidade do estágio na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa me proporcionou diferentes olhares sobre a educação das infâncias e me fez refletir sobre o trabalho que vinha realizando na atual escola pela qual trabalhava. Essa experiência possibilitou-me perceber que não vinha considerando as minhas crianças como sujeitos ativos no seu processo de ensino aprendizagem, não contribuía para a construção do conhecimento feito pelas mesmas. Devido uma metodologia tradicional, me via presa em meio a práticas de escolarização, que buscavam a reprodução e não a construção e ampliação dos saberes. As crianças precisavam adequar-se a determinadas formas de expressão, não construíam seu conhecimento, apenas o absorviam como algo já pronto, imposto e sem sentido.

Por muitas vezes me vi sentada em sala de aula observando as minhas crianças e vendo o quanto são inteligentes, questionadoras e criativas. Tal fato me incomodava no sentido de que não estava contribuindo para a potencialização das qualidades dessas crianças, me via numa dinâmica de trabalho que pouco me possibilitava deixar que se expressassem, que falassem e dessem suas opiniões. Num ritmo de trabalho corrido, pouco conseguia também pensar sobre a minha prática, o processo de ensino aprendizagem ali desenvolvido, a relação das minhas crianças com o conhecimento, o que vinham pensando sobre a escola, o que gostariam de aprender, o que tinham a contribuir e etc. Tais fatos devem ser objetos de reflexão a todo instante, pois são essenciais na construção de um processo de ensino

aprendizagem que valorize as crianças como os sujeitos ativos e o professor como mediador desse processo.

As vivências que tive até aqui foram essenciais na minha formação como professora e educadora das infâncias. Apesar de ministrar por uma perspectiva de ensino que, de fato, não me agradava, sei o quanto a mesma contribuiu para a minha evolução como pessoa e profissional. Apesar de discordar da metodologia adotada pela escola na qual trabalhava, me peguei por muitas vezes atuando segundo a mesma. Tal fato me proporcionava uma reflexão constante sobre a minha prática de trabalho, a professora pela qual vinha me tornando e a forma como estava concebendo a educação e as infâncias. A reflexão possibilitou-me crescer nos meus pensamentos, atitudes e ampliou o meu olhar sobre as diversas formas de desenvolver a educação de crianças.

Poucas vezes me vi sentada ao chão conversando com as crianças sobre assuntos diversos e de seus interesses. Esses momentos, quando ocorriam, eram únicos e extremamente ricos, pois todas, até as crianças mais tímidas sentiam-se à vontade para se expressar, contar suas histórias e compartilhar com o coletivo determinados fatos de sua vida diária, geralmente que ocorriam fora da escola. Lembro-me que numa semana anterior à festa do Dia das Crianças, conversávamos sobre a data comemorativa em si, o que iriamos comemorar e o porquê, e em meio a esse diálogo contei para eles sobre o que iria ter na semana da criança e na festa como dia de culminância. Todos ficaram muito animados e passaram a contar os dias para a chegada da semana.

Num desses dias o Enzo Henrique, com 4 anos, parou-me e perguntou-me:

-*Tia Camila, falta muito para chegar a festa do Dia das Crianças* (o último dia; a culminância)?

Daí eu respondi:

- *Não, é logo depois de amanha*.

Em seguida ele continuou:

- *Ah tá, entendi. Então eu vou dormir hoje, acordar, vou dormir de novo, acordar e aí chegou né?*

Fiquei encantada com a resposta e até meio sem reação e respondi:

- *Isso, você é muito inteligente!*

O exemplo acima a meu ver confirma o quanto são incríveis as nossas crianças a forma como veem o mundo, o quanto são inteligentes e que são capazes de construir o seu próprio conhecimento a partir daquilo que lhes fazem sentido.

Uma segunda experiência vivenciada em minha prática confirma, a meu ver, as proposições de Ferreiro (2011) sobre o nível pré-silábico do processo de construção da escrita na criança. Segundo a autora, nesta fase a criança começa a diferenciar o desenho da escrita, percebe que os sinais da escrita são diferentes do desenho e compreende que há um sentido e uma direção para sua realização.

Daniela, minha educanda, com 5 anos de idade, num determinado dia levou um caderno para anotações, e após as atividades diárias já realizadas, pediu-me se podia usar o seu caderno para brincar. Minutos depois após minha anuência a menina voltou a minha mesa para me mostrar o que tinha realizado e apresentou-me da seguinte forma:

-*Tia Camila você está vendo essas duas menininhas aqui*?

Logo respondi:

- *Sim*.

Daniela continuou:

- *Então, sou eu e Alice* (uma das amiguinhas da turma). *Agora você está vendo aqui embaixo do meu desenho? É a escrita do meu nome e do dela. Viu, eu já sei desenhar e escrever! O nome de Alice é muito fácil!*

Apesar da experiência acima permanecer tão viva em minha memória, a produção de Daniela se perdeu em meio as tantas demandas que o cotidiano nos coloca. Por outro lado, penso também sobre o papel formativo da pesquisa. Talvez, naquele momento ainda não tivesse me dado conta da riqueza de aprendizagens que a prática me proporcionava.

Voltando ao exemplo, vemos que, de fato, as nossas crianças atribuem a escrita a situações que lhes fazem sentido, diferenciando da expressão em forma de desenho e aos poucos vai aprimorando sua relação e compreensão com a cultura escrita. Apesar de imersas a práticas de ensino tradicionais, as crianças buscam sentidos diversos para compreendê-la e torná-la mais significativa. Não podemos deixar de pontuar que muitas das crianças sentem-se perdidas com as inúmeras exigências de uma metodologia tradicional, que visa apenas a repetição e memorização, desvalorizando os saberes já possuídos pelas crianças.

Em meio a alguns sucessos, gostaria de pontuar também uma experiência no trabalho que tentei realizar, mas que a rotina diária da escola acabou inviabilizando: a organização e elaboração pelas crianças do calendário.

A minha intenção com a inserção do calendário individual na rotina da turma foi inspirada no estágio na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa. Achei muito bacana a realização do calendário diário pelas crianças, a possibilidade do contato das mesmas com os numerais de forma significativa e ampla, a função social dos numerais num instrumento de controle dos dias e do tempo utilizado também pelos adultos, além do desenvolvimento da noção espaço-temporal construída ao longo de sua realização.

Porém, o contexto no qual estava imersa, tornou difícil manter o desenvolvimento dessa proposta, que foi deixada para trás em vista das inúmeras atividades de repetição e memorização que as crianças precisavam realizar. Estas vinham inseridas no caderno de aula, nas inúmeras folhas avulsas, além da confecção de murais,com a inserção de diversos projetos exigidos durante as semanas e as peculiaridades que, de fato, surgiam no dia a dia com as crianças.

Apesar das inúmeras as dificuldades com as quais me deparava, tentava estabelecer uma relação com os meus pequenos de tal forma que minimizasse a rotina maçante e, de certa forma, sem sentido para elas que era exigida pelo currículo da escola. Um trabalho denso, imposto e sem algum sentido para as crianças. Na apresentação das letras, trazia personagens dos desenhos animados dos quais as crianças gostavam e que começavam com as inicias da letra trabalhada. Quando as apresentava, trazia inúmeras palavras do cotidiano das crianças que também começavam com determinada letra e as deixava ainda que pensassem e imaginassem outras palavras que pudessem também ter a mesma inicial. Era como um jogo de adivinhação, pois tentavam todas as palavras que lhes vinham à cabeça. O que queriam era participar e quando acertavam demonstravam uma alegria que parecia não caber dentro de si.

Nessa dinâmica de adivinhar, muitas crianças começaram a perceber e diferenciar os sons das letras e relacioná-los com palavras do seu cotidiano que tinham ou ainda pareciam ter os mesmos sons. Foi o início de um trabalho bacana, pois estimulou a vontade das crianças por querer aprender, mas sei que incompleto, pois por muitas vezes não consegui por realizar a mesma dinâmica com todas as letras, devido a rotina maçante, e quando realizava nem sempre todas as crianças conseguiam se posicionar. Como pontuei o tempo era curto e essa atividade era uma daquelas que tomavam muito deste. Quero ressaltar que apesar de não concordar com uma alfabetização fragmentada, estava imersa nessa realidade que não iria mudar e precisava, portanto, buscar formas mais prazerosas ou ainda menos mecânicas entre a relação das crianças e o conhecimento.

O importante é dialogar com as diversas culturas e saberes buscando um encontro significativo entre a os conteúdos escolares e as vivências de nossas crianças, entre a teoria estudada e a prática por nós vivenciada. Independente da conjuntura histórico político social na qual estamos inseridas, o ideal é estarmos dispostas e abertas a novos aprendizados e novas formas de ver e agir sobre o mundo. A reflexão, no meu ponto de vista,torna-se um aspecto essencial nesse processo.

8 - ALGUMAS CONCLUSÕES PROVISÓRIAS:

Atuar no campo educacional é responsabilizar-se pela formação de seres globais com toda a sua diversidade étnica, cultural e econômica. Os seres humanos são seres complexos, múltiplos e diversos. Apreendem o mundo em vista daquilo que lhes fazem sentido. O sentido não é o mesmo para todos, muitas vezes são até divergentes. Isso não significa que não podem dialogar uns com os outros. A aprendizagem se dá na relação dos sujeitos e o seu meio, portanto, é no diálogo com estes que o processo de ensino aprendizagem acontece de fato. Percebemos sobre esse aspecto a importância do trabalho com as diferentes linguagens. Esta pôde ampliar o encontro da realidade vivida pelos sujeitos aos conteúdos escolares, possibilitando uma intervenção (pelo educando) na elaboração desses conteúdos, de forma que seu objetivo principal paute-se em práticas dialógicas e em uma alfabetização que supere a alfabetização de códigos, visando uma alfabetização de mundo.

Tal como, portanto, os profissionais da educação precisam romper com os limites que à alfabetização são destinados e alcançar a realização de uma educação que se faça justa efetivamente e que busque uma alfabetização de histórias e culturas. Apesar de provenientes dos mais diferentes espaços e culturas, nossas crianças precisam de uma educação que as potencialize, que valorize suas especificidades, precisam de oportunidades que as possibilitem se expressarem ativamente, e que caminhem constantemente pela busca do "ser mais".

Pensar a educação de sujeitos é comprometer-se a uma constante busca de si, do outro e do meio a todo o momento. Nós professores vivemos numa contínua formação que se faz no encontro com os educandos, com as histórias dos mesmos, com os saberes que mudam constantemente, com a família, a escola, a comunidade escolar, com a sociedade e o conhecimento. Agir de forma estática ou ainda pensar a dinâmica educacional pelo mesmo viés é se ver preso a uma única realidade, desconsiderando as realidades diversas vividas pelas nossas crianças. Quando a educação é pautada nessa perspectiva perdem-se os sentidos, o prazer pelo conhecimento, a curiosidade, a imaginação e a alegria de conhecer, do "querer saber mais", a busca pela humanização.

É nesse contexto que me recordo de uma afirmação de Paulo Freire (1996) quando diz que:"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. (p.16)

Como vimos o processo de ensino aprendizagem precisa ser um momento de alegria, de uma busca prazerosa pelo conhecimento. A criança precisa continuar a ser criança e apreender o mundo e os múltiplos saberes das mais diferentes formas possíveis e estabelecendo seus sentidos. Através da brincadeira, do faz de conta, da expressão corporal, dos jogos, da fala, da escrita, do sorriso, dos desenhos, músicas, dos gestos entre outros, a criança vai concebendo o mundo a sua volta, vai inserindo-se na sociedade e começa por perceber-se como sujeito ativo durante as mais diferentes fases de sua vida. Paulo Freire (1996) nos chama atenção para um conhecimento que se transforma, se aperfeiçoa, modifica e que se constrói na busca, dos sujeitos uns com os outros. Ele enfatiza uma busca prazerosa, significativa, que transmita alegria e que venha por trazer mais desta, aumentando por si só o desejo pelo conhecimento.

A arte de educar, não se pauta apenas na forma como ensinamos, mas também na preocupação que demonstramos sobre como aprendem as nossas crianças. Independente do trabalho que pretendemos realizar, se não percebemos as nossas crianças como sujeitos ativos nesse processo e não escutarmos o que tem a dizer, de fato, ficará difícil estabelecer um trabalho significativo e feliz para ambos.

Podemos constatar que o campo educacional abrange uma complexidade na sua formação e consolidação. A professora que atuam frente a essa realidade precisam estar dispostos a enfrentar as mais variadas formas possíveis de ver a vida, de conceber a sociedade e os acontecimentos. Sua busca pelo conhecimento se faz de forma incessante, assim como a busca por si, que muitas vezes se vê perdido em meio a tantas contradições e valores. A professora que decide estudar e trabalhar,especialmente com crianças pequenas deve primeiramente gostar dos seres humanos, de estar em contato com os mesmos, deve acreditar numa realidade mais justa e pensar que as pessoas são diversas nas suas especificidades, porém iguais em direitos.

Interessante pensar que a educação assim como qualquer expressão social é também por si só uma produção cultural. Quando pensamos, portanto, uma educação vista no seu sentido mais amplo, pensamos na diversidade e multiplicidade pela qual a mesma encontra-se imersa. O trabalho com a educação de crianças, jovens ou adultos, precisa pautar-se na concepção de que estes são o centro do processo de ensino aprendizagem, são ativos nesse processo e são capazes de construir seu próprio conhecimento, a professora é apenas a mediadora, o que não significa diminuir nem um pouco a importância de seu papel e, nem mesmo, o grau de seu compromisso e responsabilidade.

Quando me vi imersa no desafio de realizar um trabalho alfabetizador na educação infantil percebi que era necessário ampliar meus estudos e que a busca de justificativas que confirmassem a relevância de tal estudo e proposta iria ser constante. Indaguei-me durante a realização desse estudo a todo o instante sobre a melhor forma de atuar na educação infantil, sobre o perfil da professora, a postura que precisa assumir frente a metodologia e seus objetivos, a relação que estabelecia para com seus educandos, as variadas formas possíveis de exploração do conhecimento, enfim, foi uma busca que apenas começou mas que já me despertou a vontade e a alegria de buscar mais.

É importante pontuar uma frase de Paulo Freire (1996), quando afirma que: "Me movo como educador, porque primeiro, me movo como gente." (p. 260). Essa citação de Freire, apesar de pequena engloba uma imensidão de sentido e preenche o vazio de muitos profissionais que, assim como comigo ocorreu, se pegam imersos em práticas de ensino que desestimulam, desanimam e até mesmo fazem repensar a escolha da profissão.

Com os estudos que fiz até aqui pude perceber que o essencial em qualquer área de atuação é a busca pela alegria, pela conquista de momentos e objetivos que nos façam feliz, e que nos permitam fazer feliz outros também. Vejo que da mesma forma deve ocorrer com o processo de ensino aprendizagem. As crianças com as quais tenho convivido na sala de aula são geralmente seres felizes por si só, curiosas, imaginativas e com uma vontade aguçada de apreender o mundo. É nesse aspecto que percebemos a importância de um trabalho com a educação de infâncias pautada numa dinâmica prazerosa, na busca pelo conhecimento de forma espontânea, atraída pelas múltiplas linguagens e diferentes expressões sociais.

A alfabetização quando percebida dessa forma, pode ser observada nas situações mais simples do cotidiano vivenciadas pelas crianças. Quando penso essa alfabetização, não me refiro apenas a uma alfabetização de códigos que visa a leitura e a escrita, mas uma alfabetização de mundo, feita pelas crianças desde os momentos mais precoces de sua vida. Porque então não alfabetizar na educação infantil? Sabemos que a busca é densa e constante, mas quando bem trabalhada, o resultado é magnífico!

Vimos no decorrer desse trabalho como as crianças podem ser limitadas na expressão de suas múltiplas linguagens. Estas tentam se expressar por inúmeras maneiras, porém, muitas destas não são validadas como formas de expressão. Isso é fatídico no processo de alfabetização, de tal maneira que apenas a linguagem escrita é levada em consideração. Importante salientar que os nossos pequenos ao tentarem se expressar com as demais formas estão também nos convidando a entrar no seu mundo, naquilo que lhes faz sentido, naquilo

que lhe agrada, lhe interessa, lhe instiga. Porque não penetrar nesse mundo que a meu ver apresenta-se como fascinante? Porque não aproveitar esse mundo como porta de entrada para a alfabetização?

Uma alfabetização que como afirma, Araújo (2003), seja na educação infantil ou nos anos iniciais da escola básica, esteja comprometida em contribuir *para que a criança, que está mergulhada na sua cultura de origem, com a qual se identifica, se expressa bem, compreende e é compreendida* (p.224), amplie sua interlocução com o mundo e assuma o papel de narradora de sua própria história.

Pensar a etapa da educação infantil nos possibilita refletir sobre inúmeros os questionamentos que surgem ao decorrer da exploração e ampliação do tema em estudo. Pensar ainda um trabalho alfabetizador nessa etapa contribui por ampliar os nossos olhares sobre o campo educacional e a necessidade de pensá-lo de forma integrada e global. Vimos que apesar das dificuldades com as quais nos deparamos, a busca pela realização de uma educação efetiva, que pense as infâncias no seu sentido amplo e permita as crianças a construção cada vez mais cedo de um posicionamento crítico e transformador sobre a realidade que vive, nos estimula a continuar.

Imaginar que as nossas crianças podem contribuir para o alcance de uma sociedade mais justa e menos individualista, na busca pela humanização dos seres humanos e sua emancipação nos anima a desenvolver cada vez mais e melhor um trabalho com as infâncias. É por essa perspectiva que penso a inserção da alfabetização nas classes de educação infantil, ou seja, a possibilidade de promover o desenvolvimento de sujeitos que busquem cada vez mais cedo a sua cidadania, conheça seus direitos e deveres e que não se veja perdido em meio a uma sociedade que o exclui muitas vezes, que não o valorize e nem considere a cultura pela qual está inserido.

Alfabetizar na educação infantil é uma proposta rica e extremamente crítica se realizada por concepções que visem também esses mesmos objetivos, pontuados acima. É claro que precisamos saber das nossas crianças se querem realmente se alfabetizar, o que pensam dessa alfabetização e no que podem contribuir. Sabemos que se realizada de forma significativa e prazerosa terá o total apoio das crianças. Este é apenas o primeiro passo de uma busca que não se acaba, de um desejo de uma sociedade menos excludente.

9- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Mairce da Silva. **Alfabetização tem conteúdos?** In: GARCIA, Regina Leite (Org). **A formação da Professora Alfabetizadora: Reflexões sobre a prática**. São Paulo: Cortez, 2008.

ARAUJO, Mairce da Silva. **Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso In: *Método*: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 213-224.

AQUINO, Lígia Maria leão de & VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Orientação curricular para a Educação Infantil:Referencial Curricular Nacional e Diretrizes Curriculares Nacionais. In Educação da Infância: História e política.** Rio de Janeiro, DB&A, 2005.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARBOSA, J.J. **Alfabetização e leitura**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).** Brasília, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Atualizada.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular nacional para a Educação Infantil.** MEC/Brasil, 1988.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil.** In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral. (Orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância.** Campinas: Autores Associados, 2005. p. 5-21.

CORSARO, W. **A. Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Sons sem palavras e grafismo sem letras: Linguagens, Leituras e Pedagogia na Educação Infantil.** In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, MELLO, Suely Amaral. (Org.). FARIA, Ana Lúcia Goulart de Faria, MELLO, Suely Amaral. **O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância.** Campinas: Autores Associados, 2005, v. 1, p. 119-142.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Com todas as letras*. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1993.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.

_____. **A Importância do Ato de Ler:**em três artigos que se completam, 45 ed.São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS FILHO, Altino José. ***Crianças e adultos na creche:*** **marcas de uma relação.** Florianópolis, Dissertação 2005, 185p. (Mestrado em Educação) Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

SARMENTO, M.; BANDEIRA, A.; DORES, R. **Trabalho e Lazer no quotidiano das crianças exploradas.** In: GARCIA, R. L. G. (org.) Crianças essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1989.

____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 25, jan/fev/mar/abr. Campinas. Autores associados/ANPEd, 2004.